

ARMAS DO TEMPO

GERALDO DIAS DA CRUZ





A pior maneira de se ler "Armas do Tempo" será fazê-lo, como num "staccato", procurando a significação do vocabulário.

Há um fluir que deve ser seguido, com a disposição interessada, apenas, em perseguir a poesia que se adentra pelas páginas. Deixando-se conduzir pelo poeta, é que cada leitor descobrirá, pessoalmente, as "Armas do Tempo" das quais G.D.C. utiliza e que são mais do que os signos postos no papel para captar nossa simpatia e curiosidade.

Com todo esse cuidado, ainda precisaremos um tempo, após a leitura, para tirar alguma conclusão sobre o mundo aberto pelas "Armas do Tempo". Mundo transfigurado pelo poeta que o escreve para gravar, para comunicar, a emoção das suas descobertas. Desse modo, altera-se o processo da comunicação verbalizada, pelo uso artesanal da escrita, elevada a uma nova funcionalidade, a de manter o espírito do leitor em comunhão com o que dá valor à palavra: — o sentimento!

Portanto, a inteligência que "Armas do Tempo" oferecem são de outra natureza, posta mais além daquela que se poderia esperar de uma sintaxe coerente. Não é o discurso expositivo; é apenas um comprometimento emocional que "Armas do Tempo" propõe. Este o valor que a poesia de G.D.C. vem oferecendo em cada novo livro que se sucede com mais sutil e ardilosa linguagem. Essa linguagem poética que serve ao sentimento, na delação e na compreensão daquilo que G.D.C. tematiza: — a vida, que o tempo e o homem vão marcando.



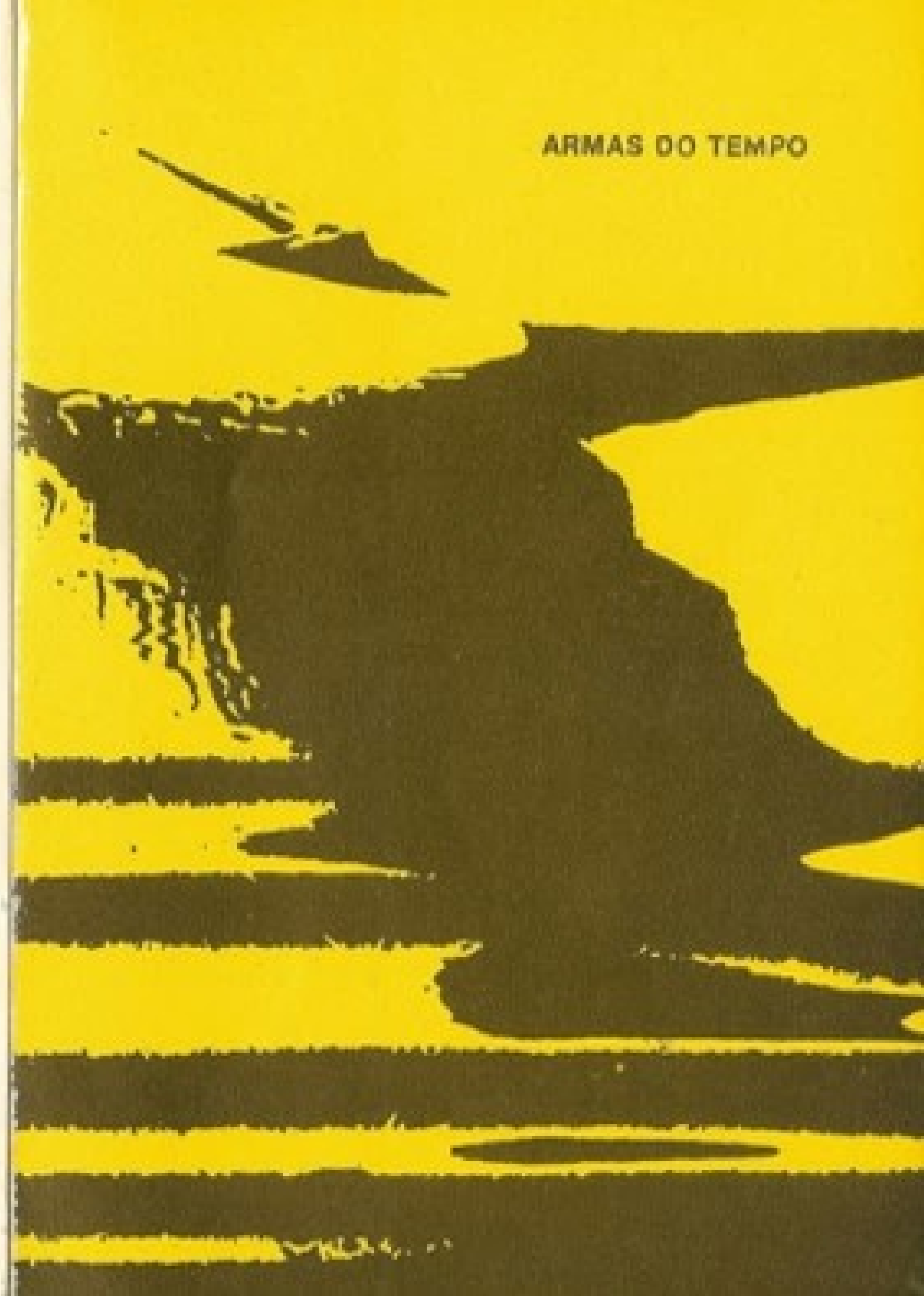
A pior maneira de se ler "Armas do Tempo" será fazê-lo, como num "staccato", procurando a significação do vocabulário.

Há um *fluir* que deve ser seguido, com a disposição interessada, apenas, em perseguir a poesia que se adentra pelas páginas. Deixando-se conduzir pelo poeta, é que cada leitor descobrirá, pessoalmente, as "Armas do Tempo" das quais G.D.C. utiliza e que são mais do que os signos postos no papel para captar nossa simpatia e curiosidade.

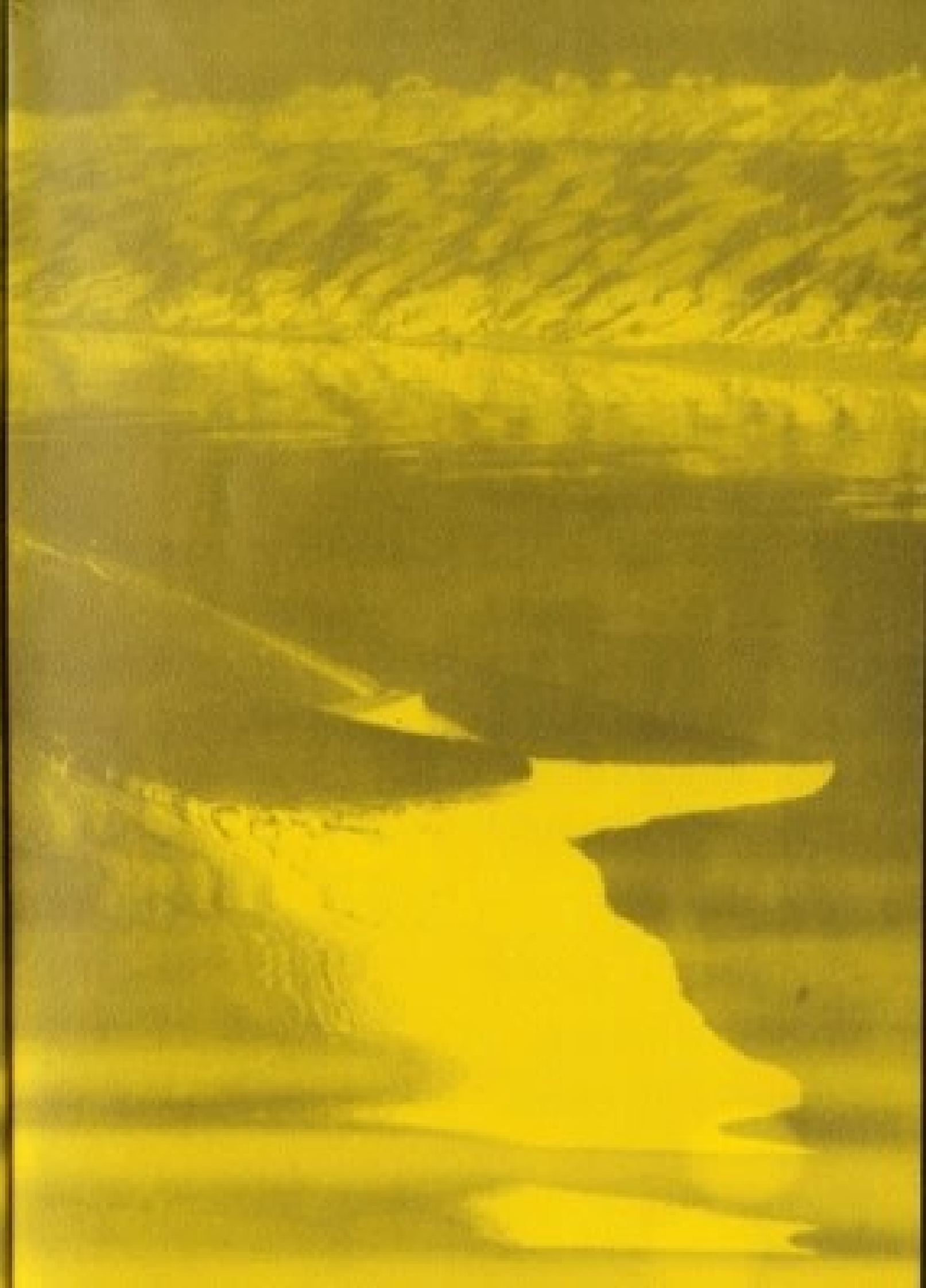
Com todo esse cuidado, ainda precisaremos um tempo, após a leitura, para tirar alguma conclusão sobre o mundo aberto pelas "Armas do Tempo". Mundo transfigurado pelo poeta que o escreve para gravar, para comunicar, a emoção das suas descobertas. Deste modo, altera-se o processo da comunicação verbalizada, pelo uso artesanal da escrita, elevada a uma nova funcionalidade, a de manter o espírito do leitor em comunhão com o que dá valor à palavra: — o sentimento!

Portanto, a inteligência que "Armas do Tempo" oferecem são de outra natureza, poeta mais além daquela que se poderia esperar de uma sintaxe coerente. Não é o discurso expositivo; é apenas um comprometimento emocional que "Armas do Tempo" propõe. Este o valor que a poesia de G.D.C. vem oferecendo em cada novo livro que se sucede com mais sutil e ardilosa linguagem. Essa linguagem poética que serve ao sentimento, na delação e na compreensão daquilo que G.D.C. tematiza: — a vida, que o tempo e o homem vão marcando.

ARMAS DO TEMPO







COLEÇÃO: POETAS DO MATO GROSSO

SÉRIE: Hoje



EDITORIAÇÃO: LABORATÓRIO DE PESQUISAS VISUAIS
CRÉDITOS GRÁFICOS: W. O. FINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Reitor: Gabriel Nova Neves

Vice-Reitor Acadêmico: Benedito Pedro Donato

Vice-Reitor Administrativo: Atilio Ourives

GERALDO DIAS DA CRUZ

ARMAS DO TEMPO

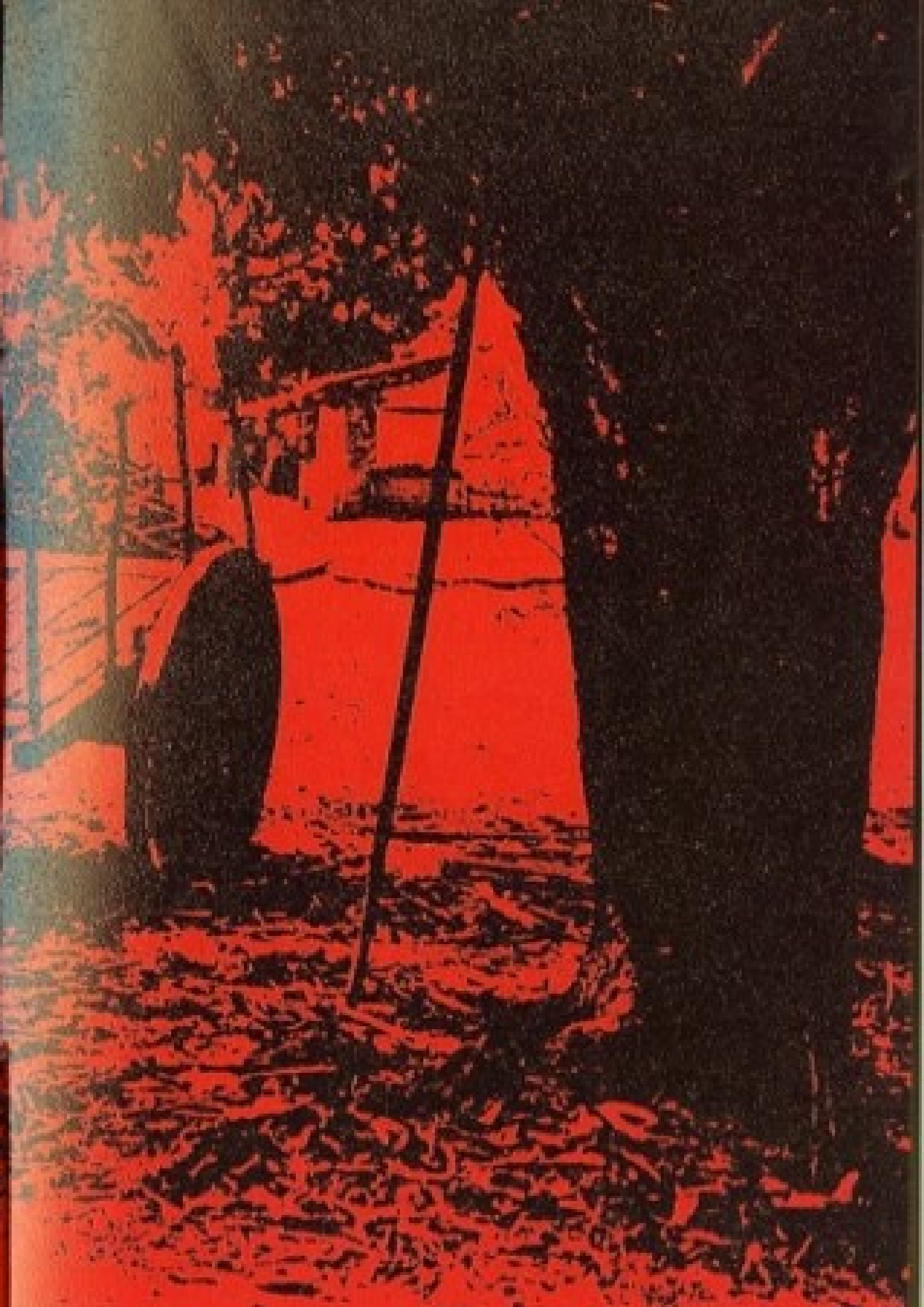


EDIÇÕES UFMT



GUIABÁ 1978



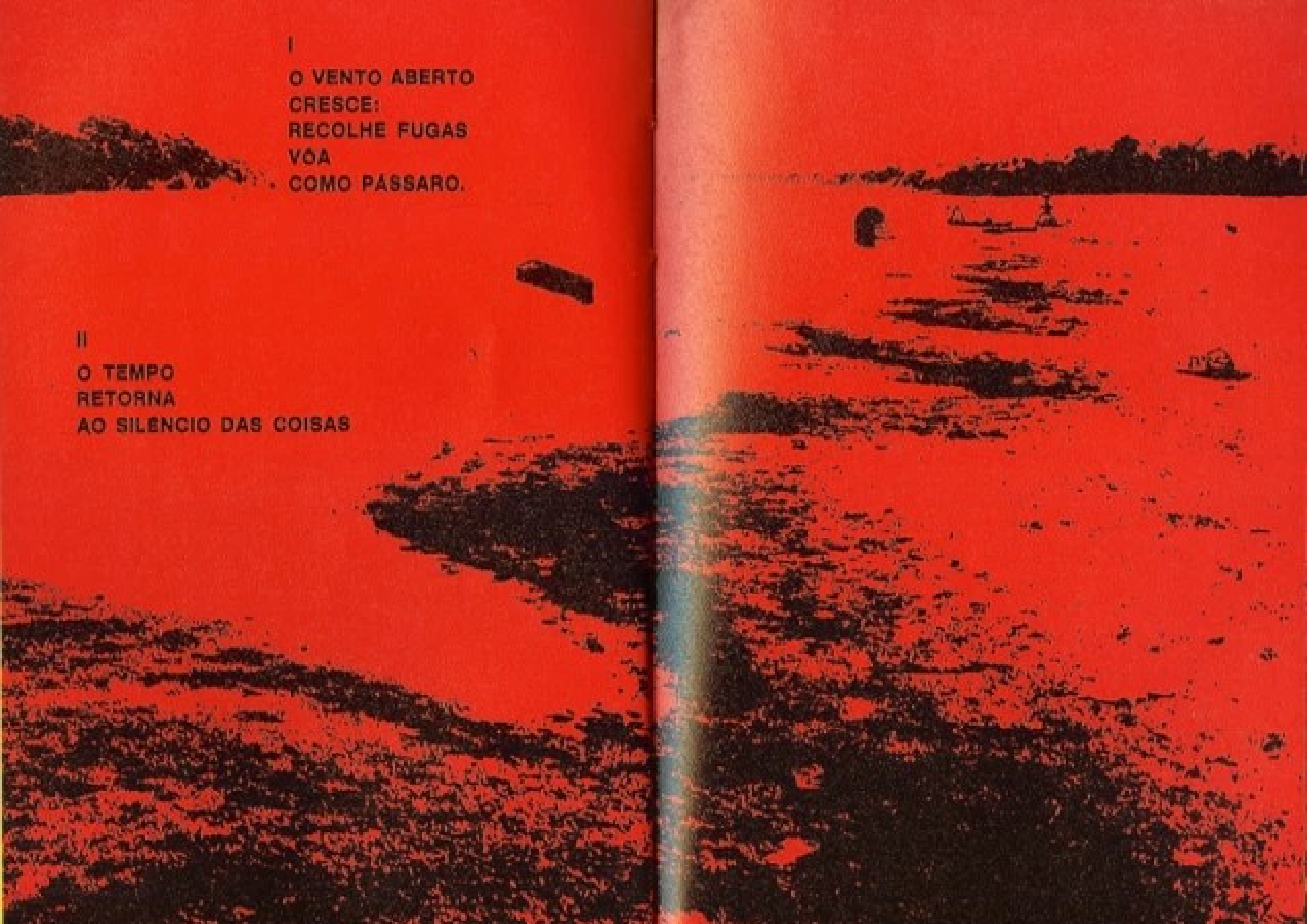


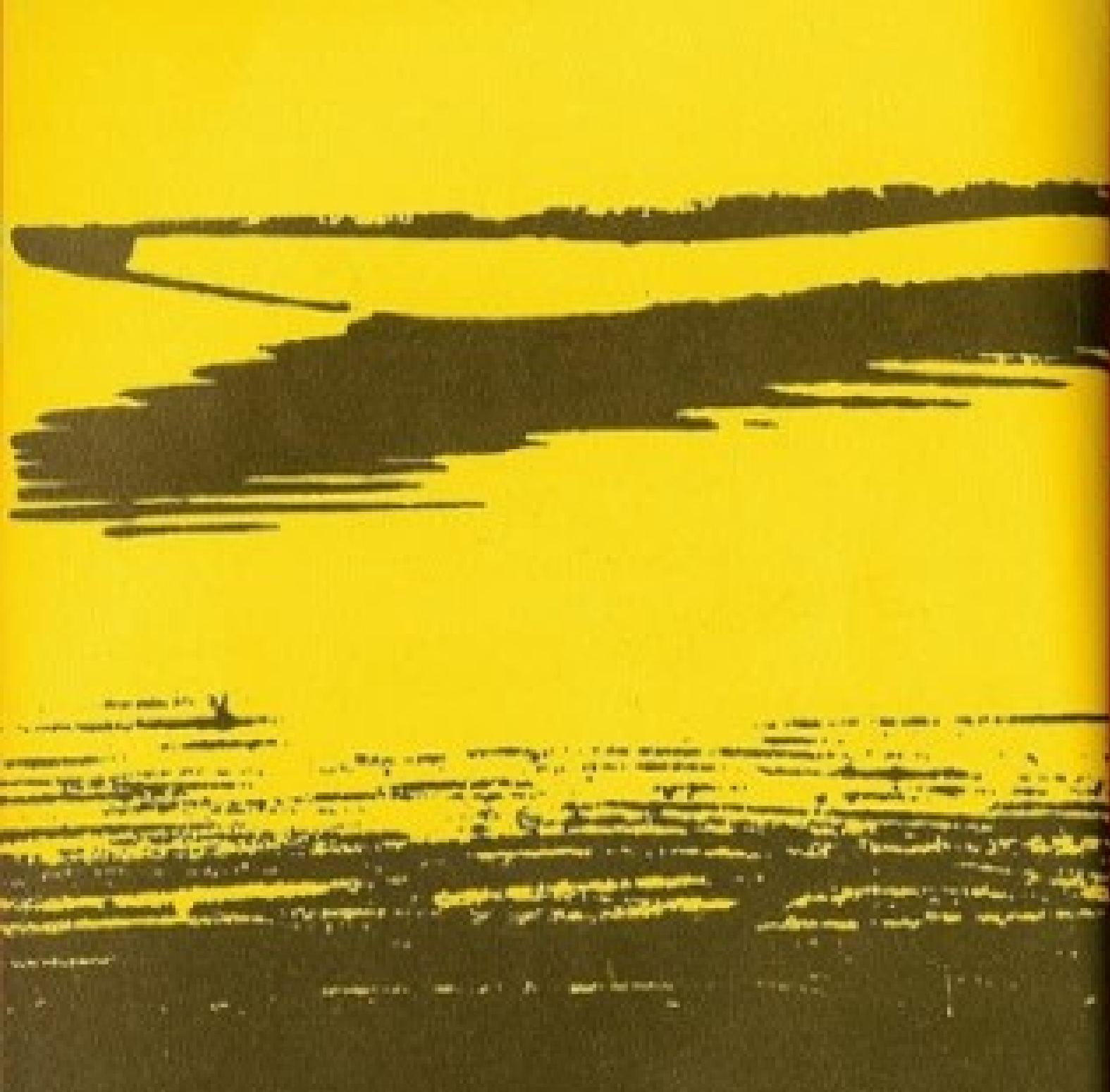


AO LONGO DA TARDE LÚCIDA

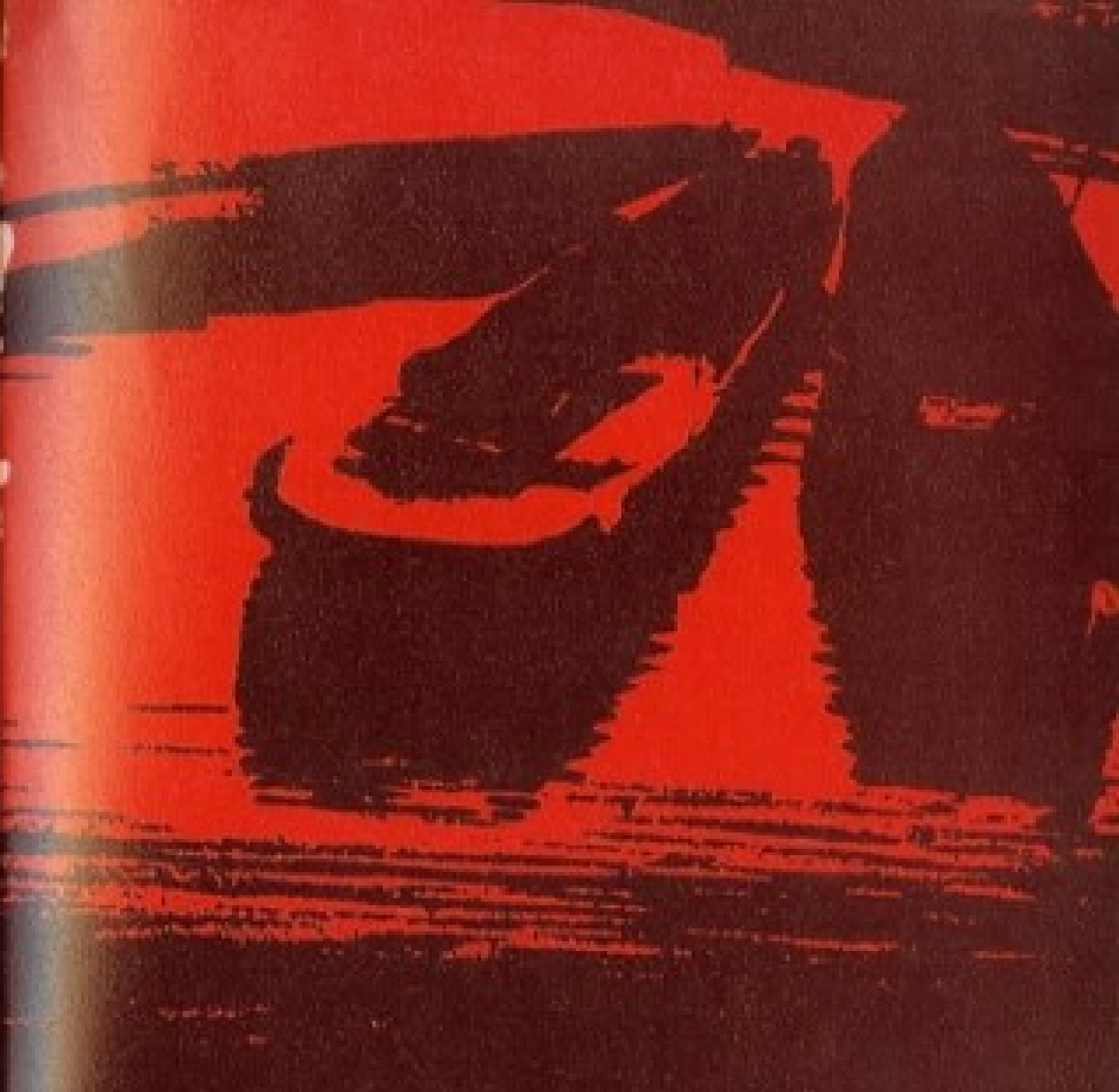
I
O VENTO ABERTO
CRESCER:
RECOLHE FUGAS
VÔA
COMO PASSARO.

II
O TEMPO
RETORNA
AO SILÊNCIO DAS COISAS





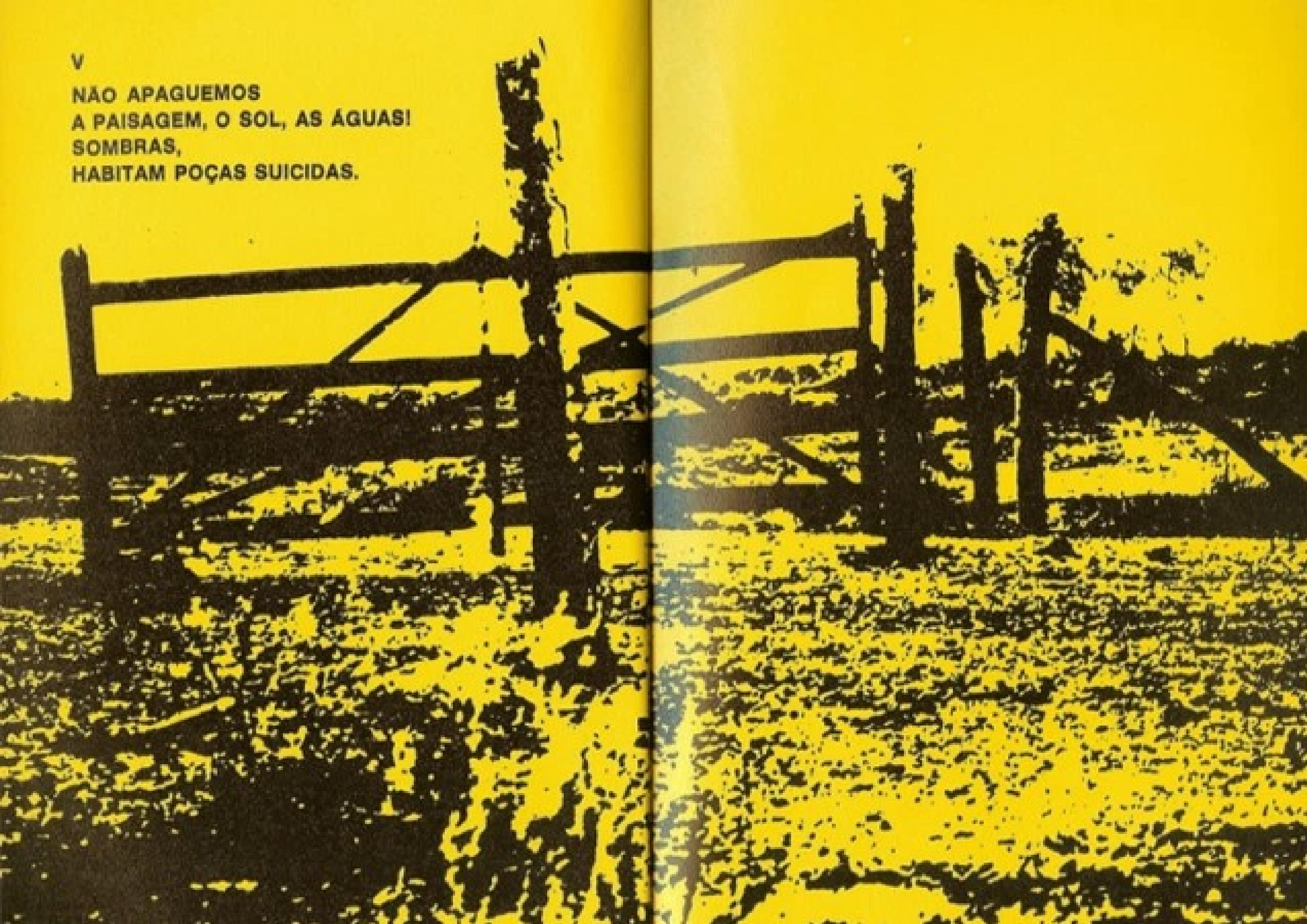
III
OS OLHOS
TOCAM O HORIZONTE
NO AZUL
O VOO DO PASSARO
DESABROCHA
TODO IGUAL



IV
O MURO REFLETE
MINHA LINGUAGEM SOLITARIA.
INUTIL MEDIR OS PASSOS!

V

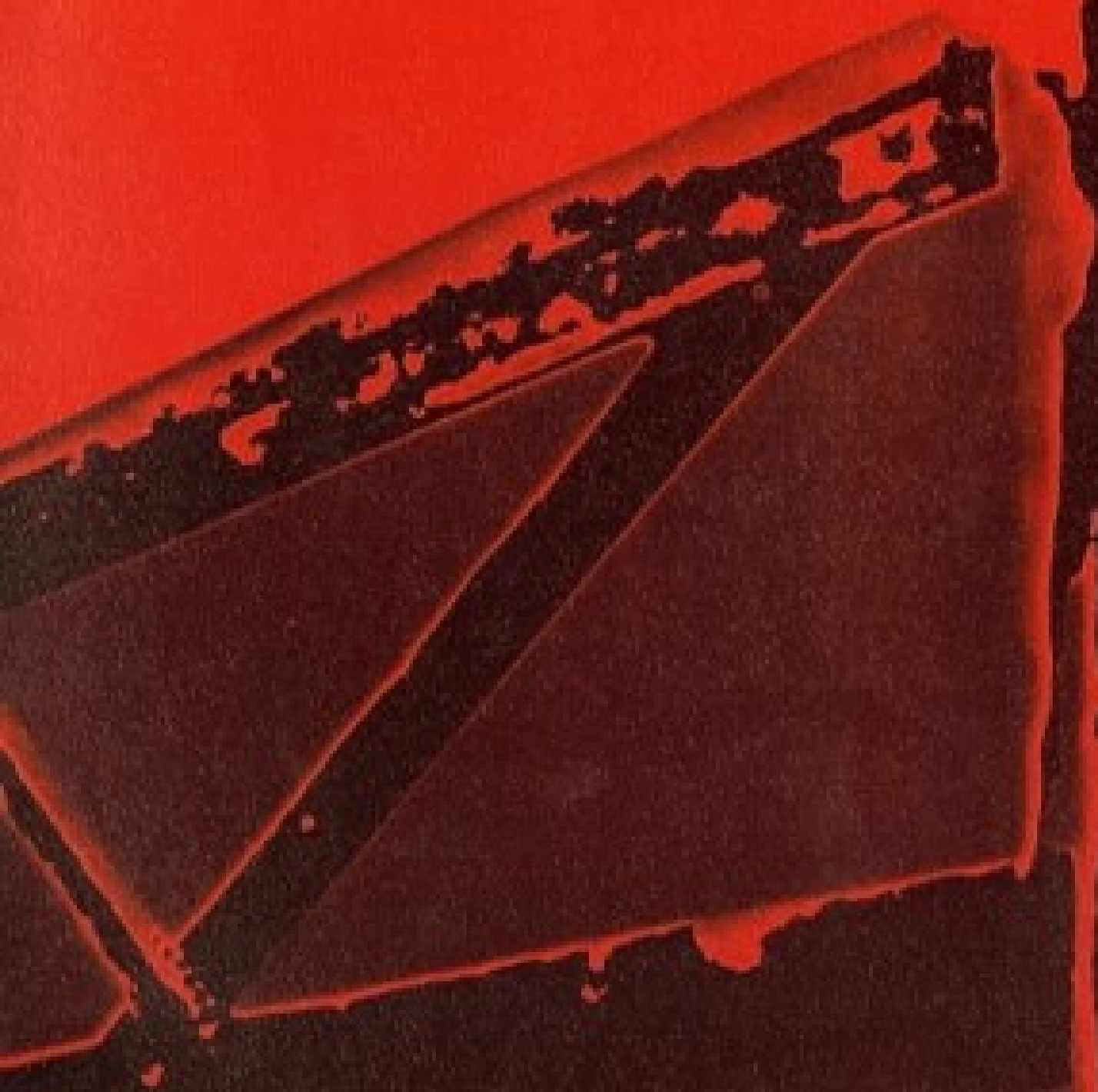
NÃO APAGUEMOS
A PAISAGEM, O SOL, AS ÁGUAS!
SOMBRAS,
HABITAM POÇAS SUICIDAS.



VI

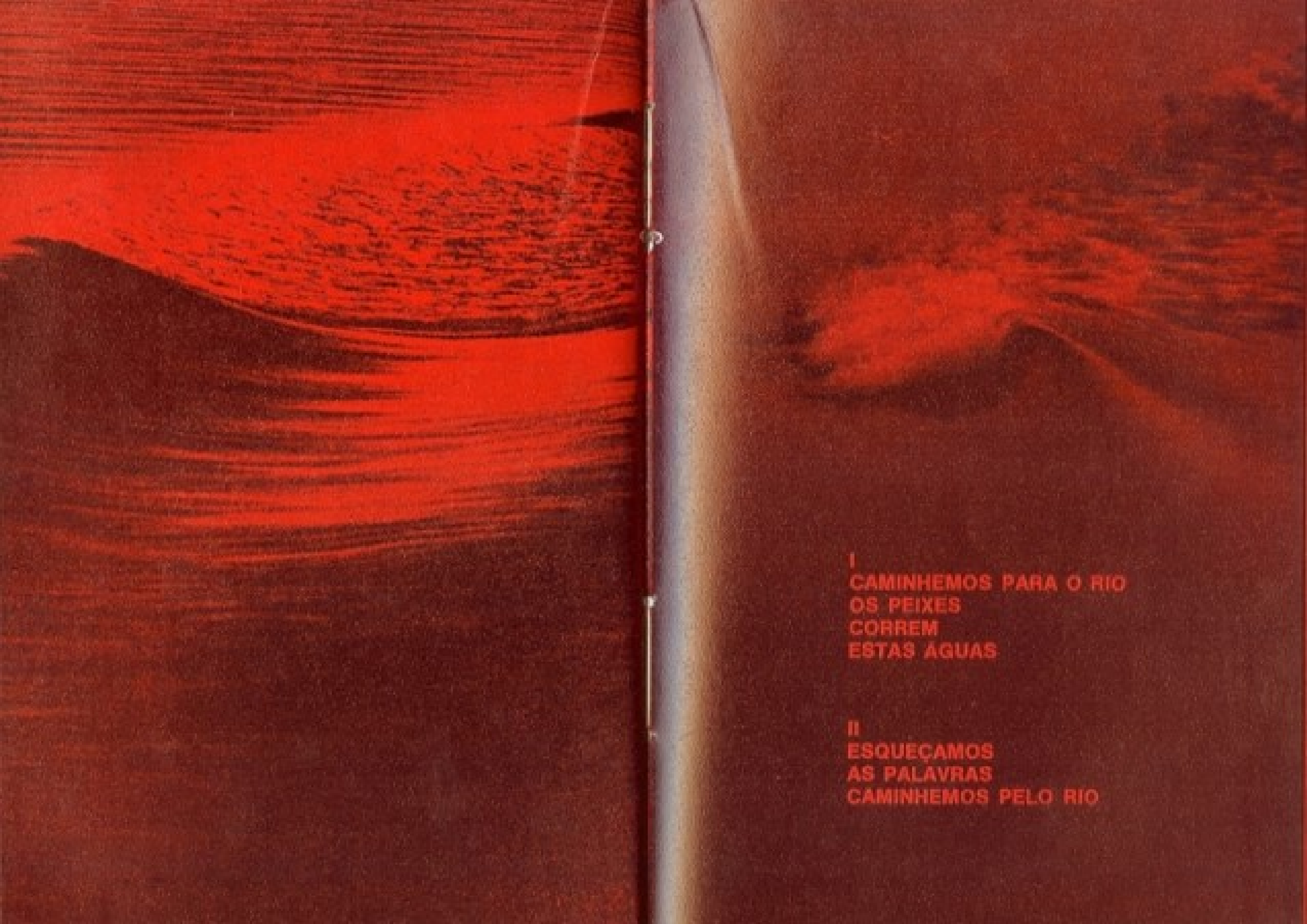
A MORTE
CLARA COMO LÂMINA
A MORTE
TODA NOSSA
E O ENCONTRO DO CHÃO SECO E SÓ
IGUAL E TODO NOSSO.

QUEREMOS A MORTE
PARA O NOSSO USO QUOTIDIANO.



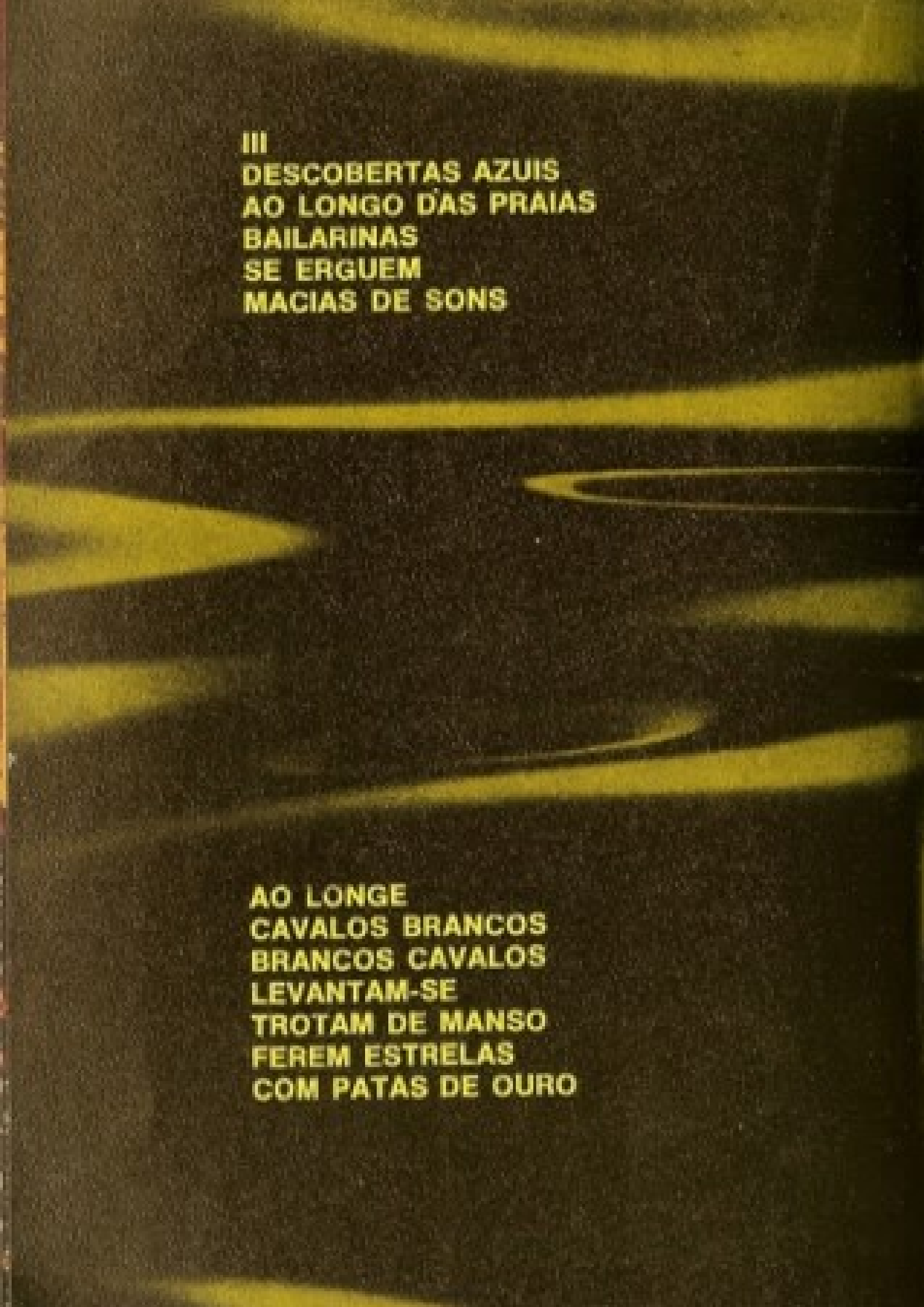


DESCOBERTA DA FLAUTA



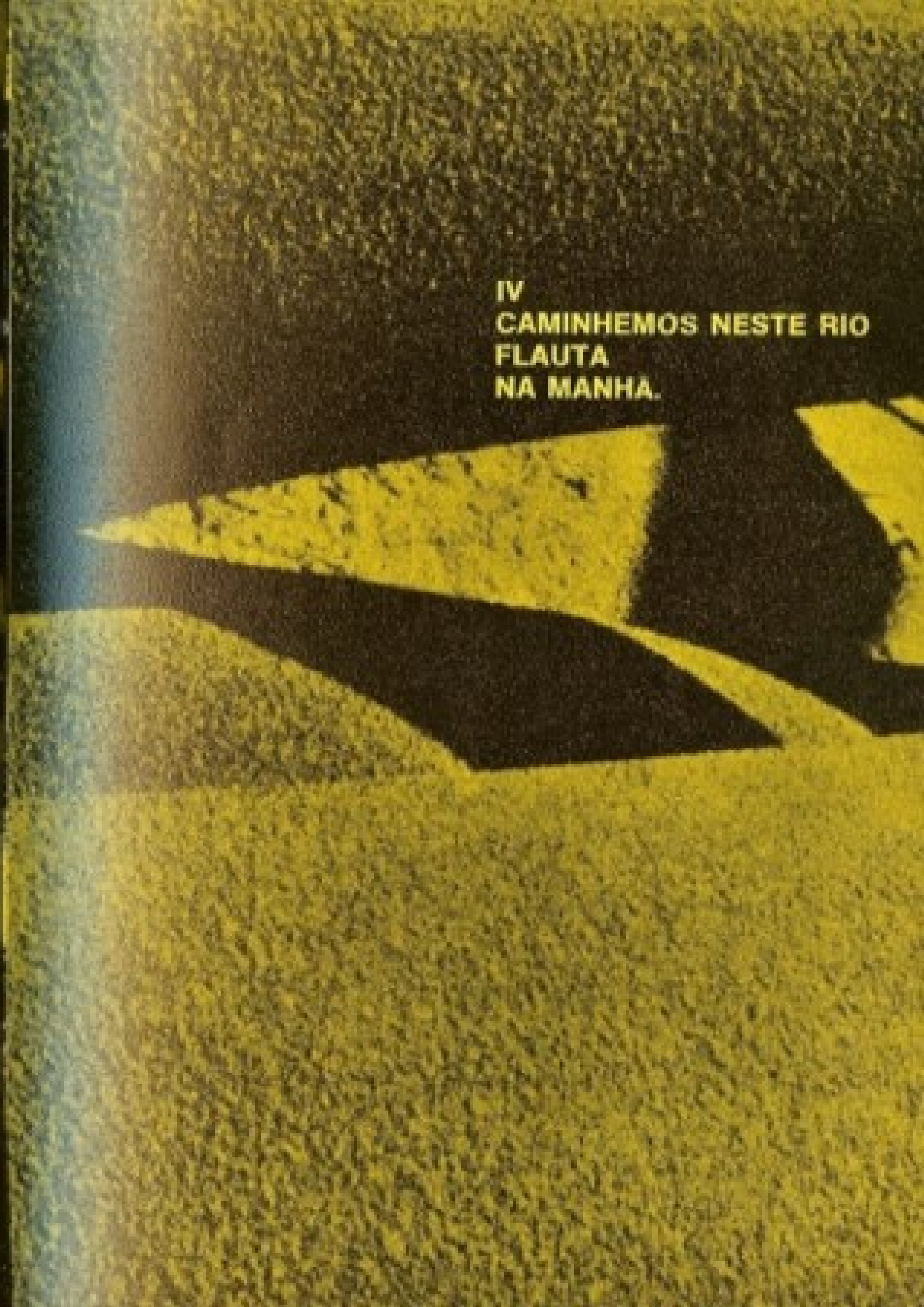
I
CAMINHEMOS PARA O RIO
OS PEIXES
CORREM
ESTAS AGUAS

II
ESQUEÇAMOS
AS PALAVRAS
CAMINHEMOS PELO RIO



III
DESCOBERTAS AZUIS
AO LONGO D'AS PRAIAS
BAILARINAS
SE ERGUEM
MACIAS DE SONS

AO LONGE
CAVALOS BRANCOS
BRANCOS CAVALOS
LEVANTAM-SE
TROTAM DE MANSO
FEREM ESTRELAS
COM PATAS DE OURO



IV
CAMINHEMOS NESTE RIO
FLAUTA
NA MANHA.

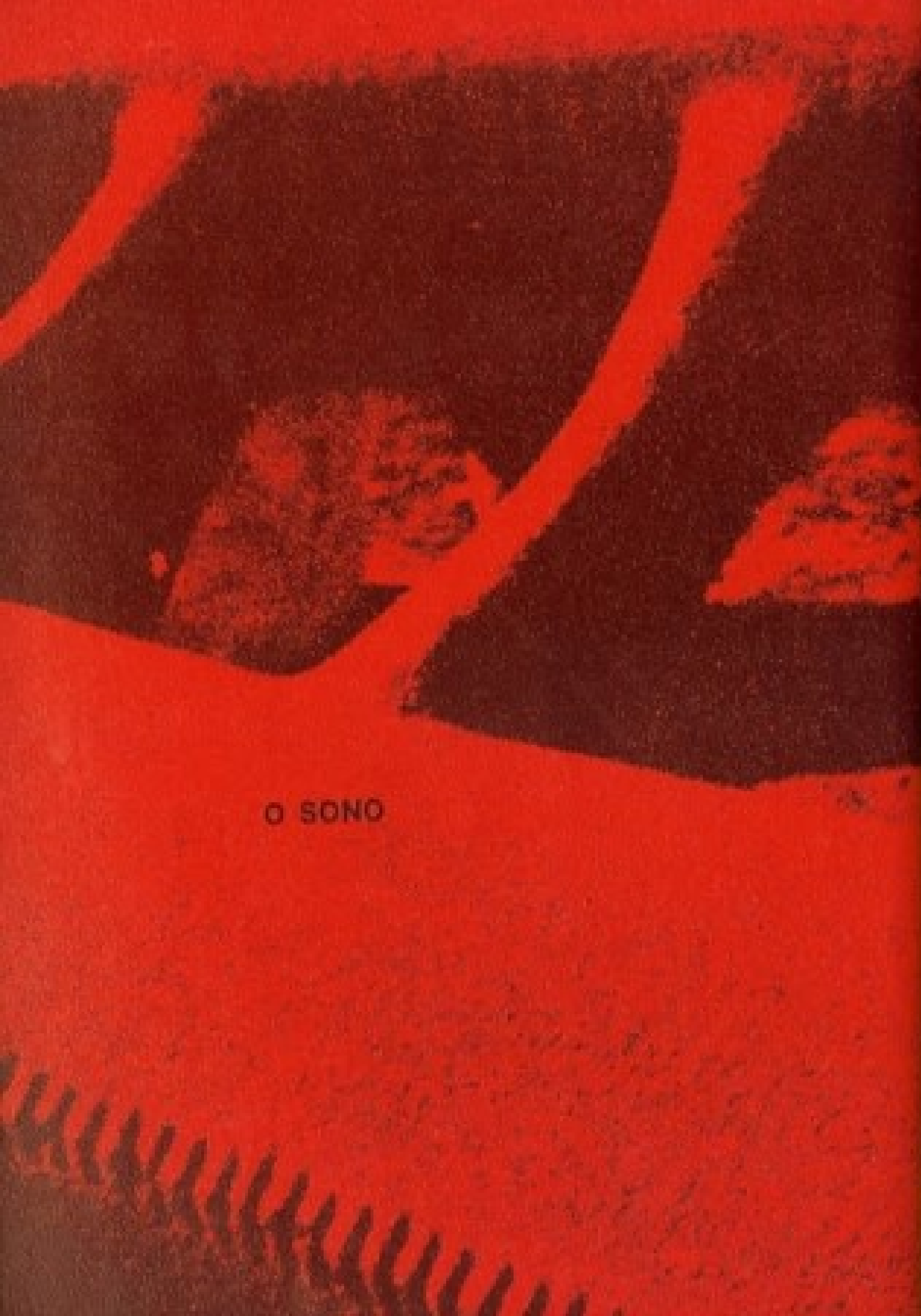
V

NÓS A PROCURAMOS
FLAUTA
INSTANTE DE CADA ANGÚSTIA
A MOVER NOSSOS PÉS.

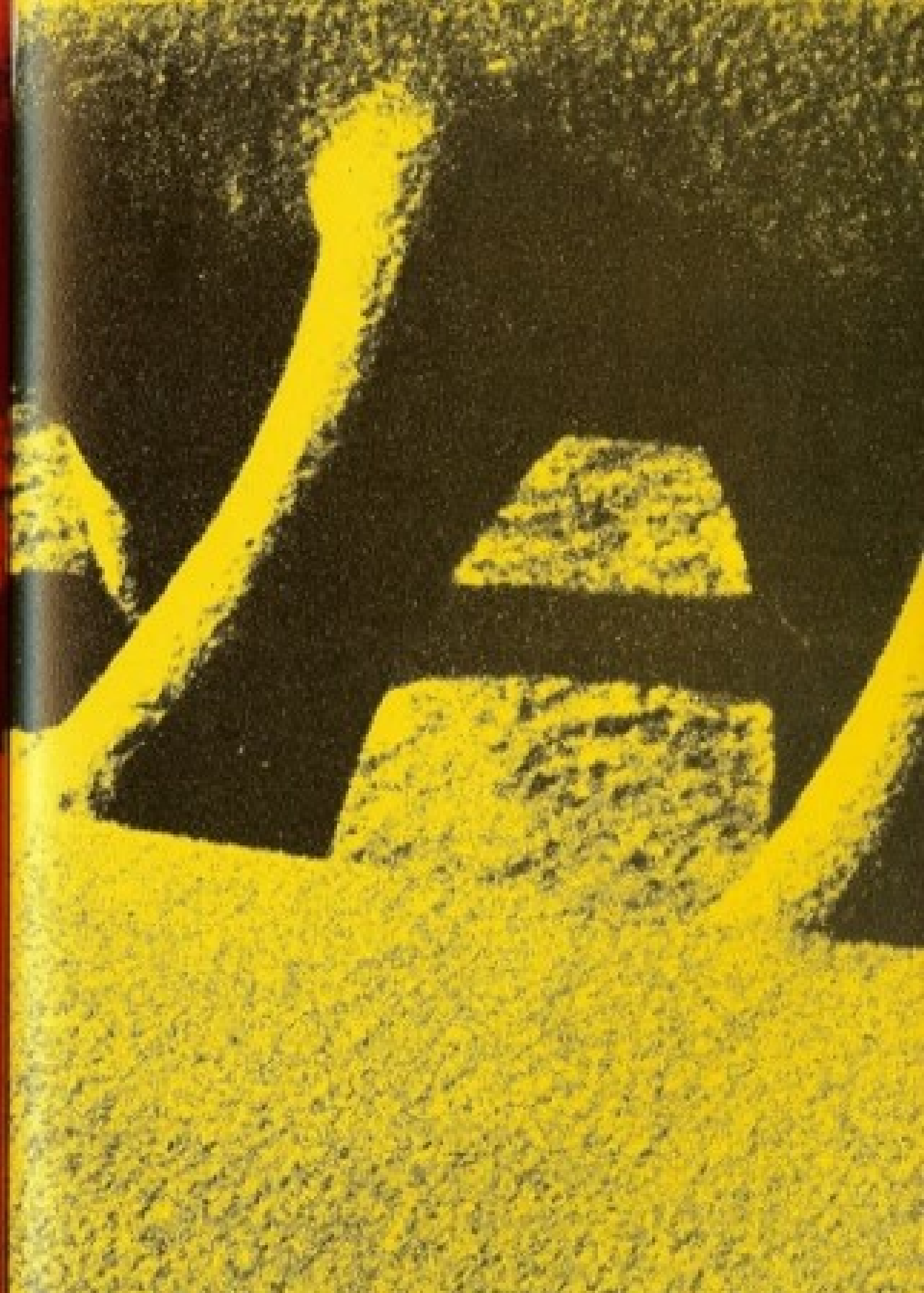
VI

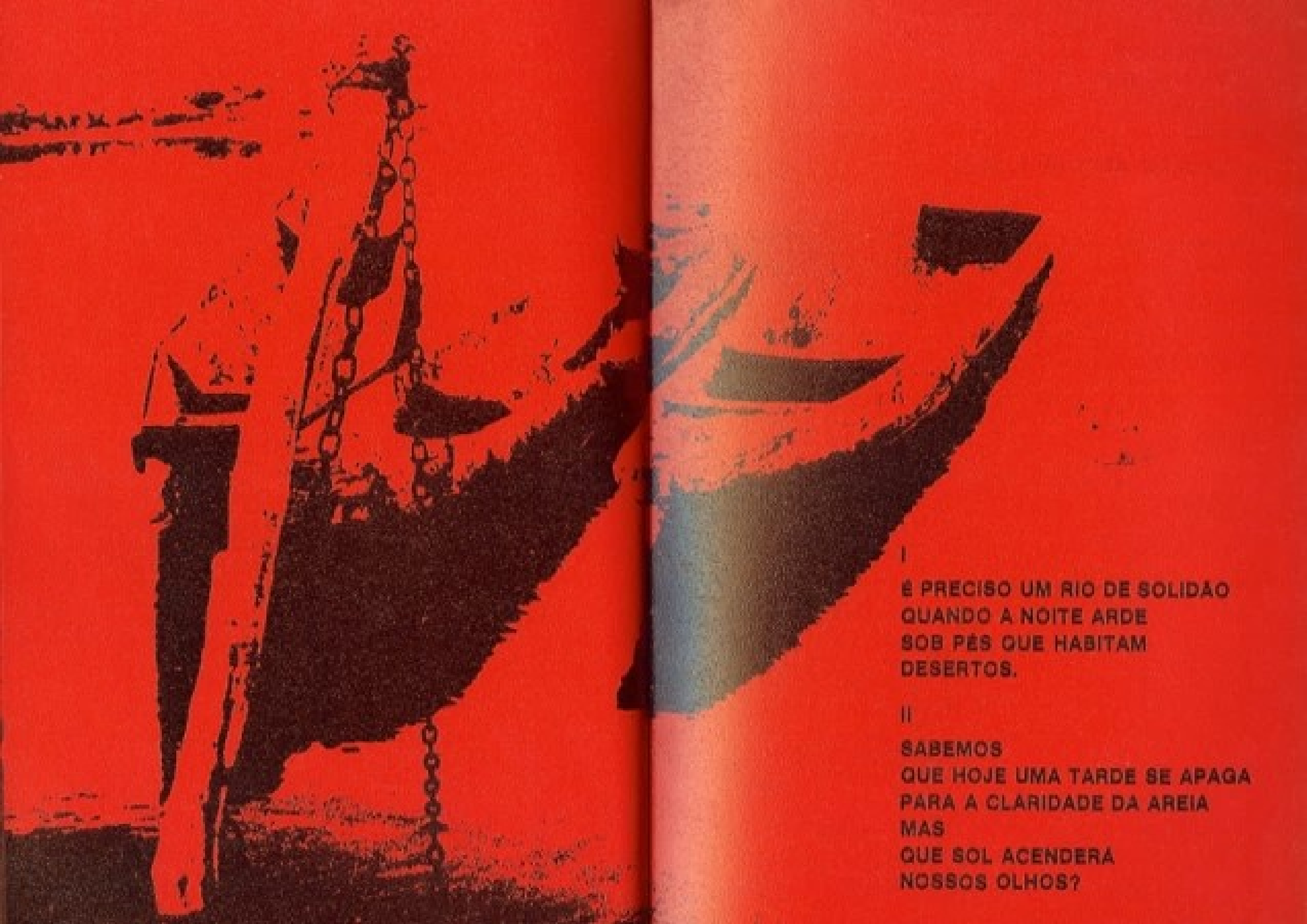
OH! ABANDONEMOS O RIO
AQUI
A FLAUTA
AMADURECE O SOM
ADORMEÇAMOS
SOB O SOL A ARDER
NOSSA SOLIDÃO
CONSTRUÍDA
COM SIMPLES PONTA DE PUNHAL.





O SONO





I
É PRECISO UM RIO DE SOLIDÃO
QUANDO A NOITE ARDE
SOB PÉS QUE HABITAM
DESERTOS.

II
SABEMOS
QUE HOJE UMA TARDE SE APAGA
PARA A CLARIDADE DA AREIA
MAS
QUE SOL ACENDERÁ
NOSSOS OLHOS?

III

RETORNEMOS
ENTRE FLORES
FRUTOS
ERVAS

O ORVALHO ABRE SEU LEITO.

IV

OH, NENHUMA PAISAGEM
QUE INVENTEI
ADOÇA MEU SONHO.

A NOITE É FRIA EM MIM
COMO O SIGILO DOS PEIXES.



V

LÁ FORA OS CÃES
COM A LUA NOS PELOS
CRESCEM
COMO O FLORIR DAS ESTAÇÕES







FABULA DO TEMPO ANTERIOR

III

AH, PEIXES DESARVORADOS
ENTRE AS ÁGUAS VERTENTES
VÃO SUBINDO, SUBINDO
E NÃO PARAM MAIS.

Ó PEIXES ENVOLVIDOS EM PROFUNDEZ SOMBRIA
PELO RIO, PELO MAR E PELA ILHA,
ONDE A SOLIDÃO TECE E CONCEBE,
COM O PALPITAR DE FLORA MARINHA,
REFLETINDO EM SUAS ESCAMAS,
O SONO QUE ERIÇA AS SUAS VIAGENS
RASGANDO O TETO DOS LENÇÓIS
QUE ESCONDEM AS ALGAS LUMINOSAS.

IV

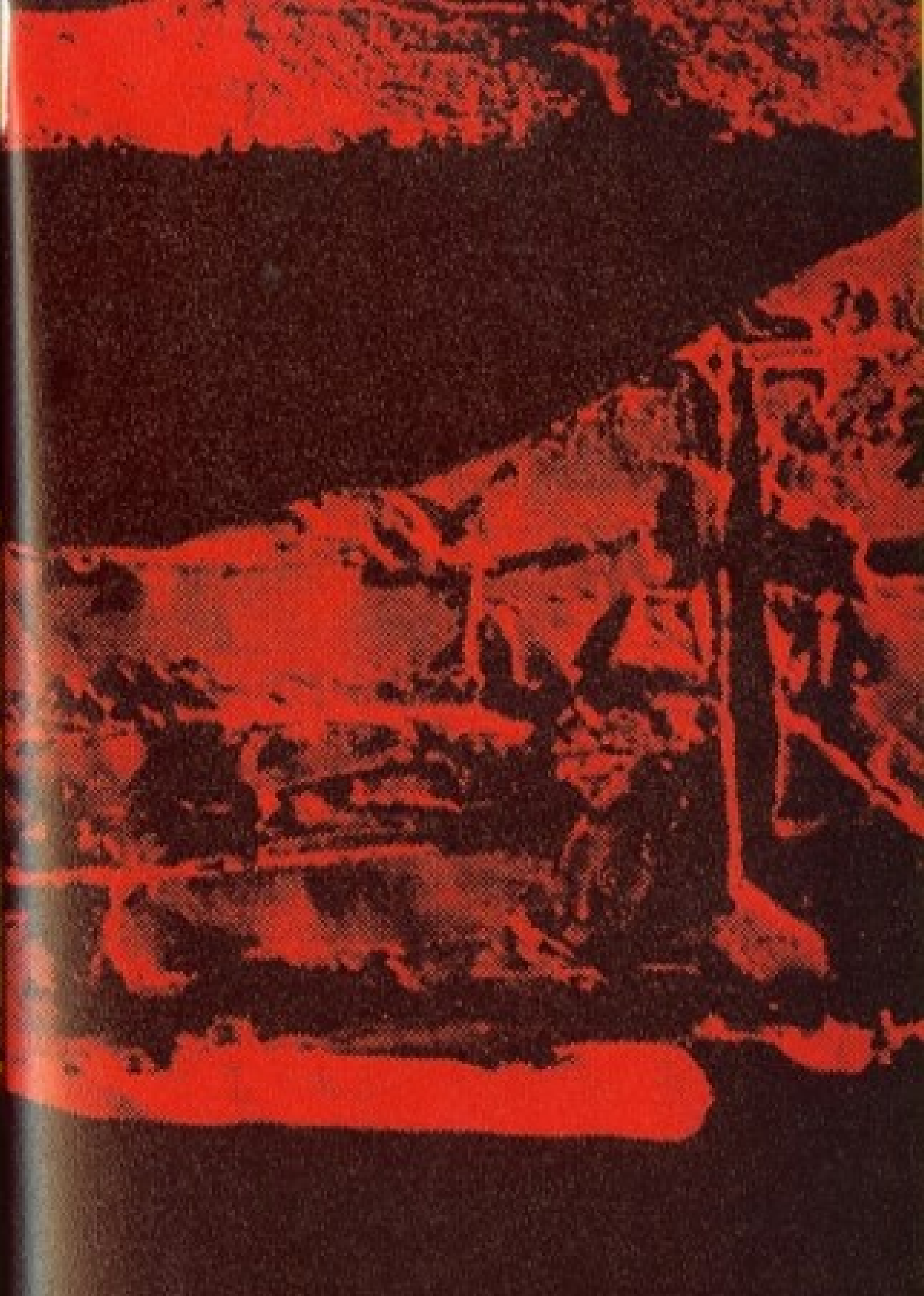
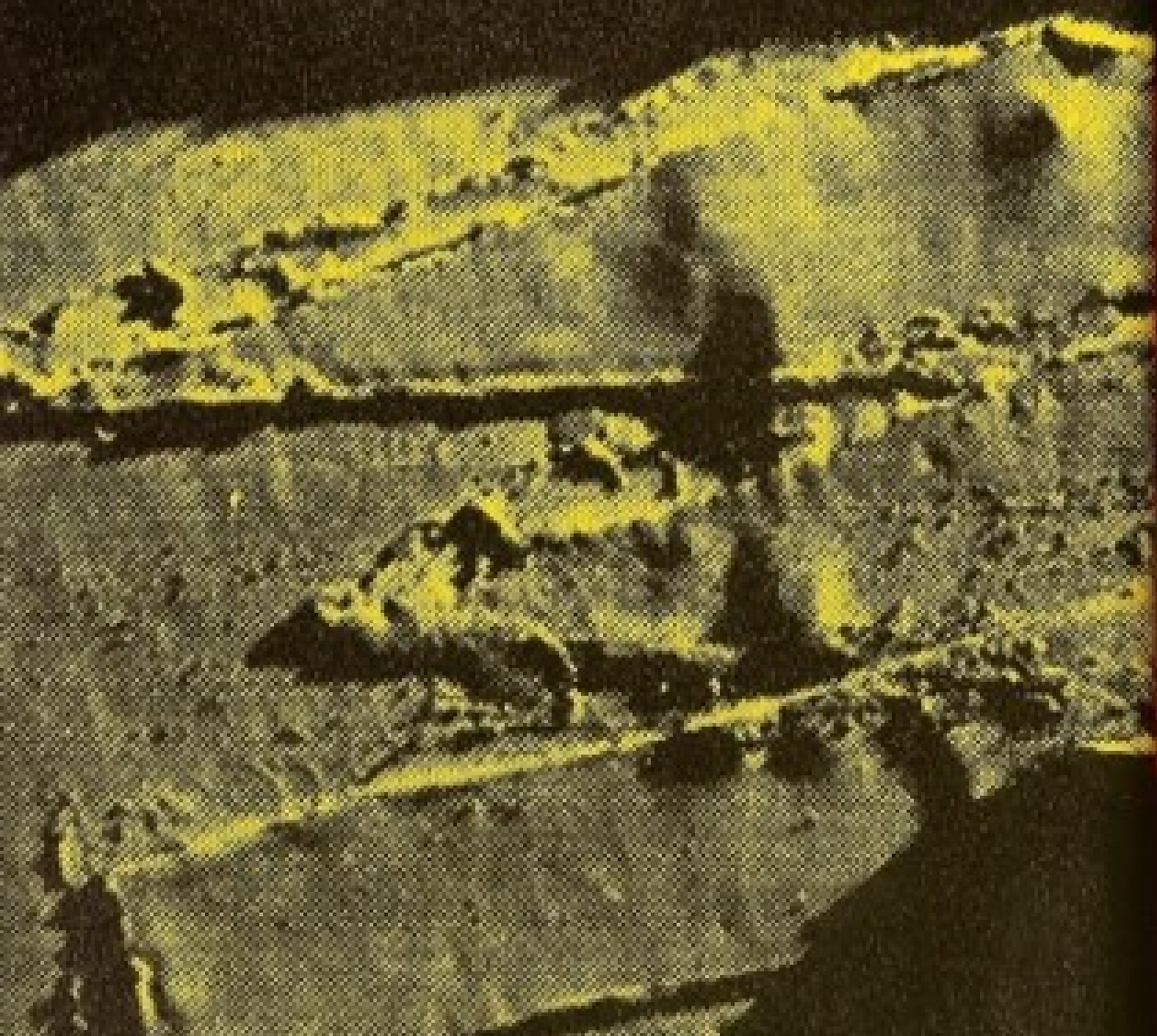
AH, QUE FORÇA MAIS FURIOSA É ESTA
QUE FERRE, PISA E AMASSA
NOSSOS BAIOS CAVALOS SOLITÁRIOS!

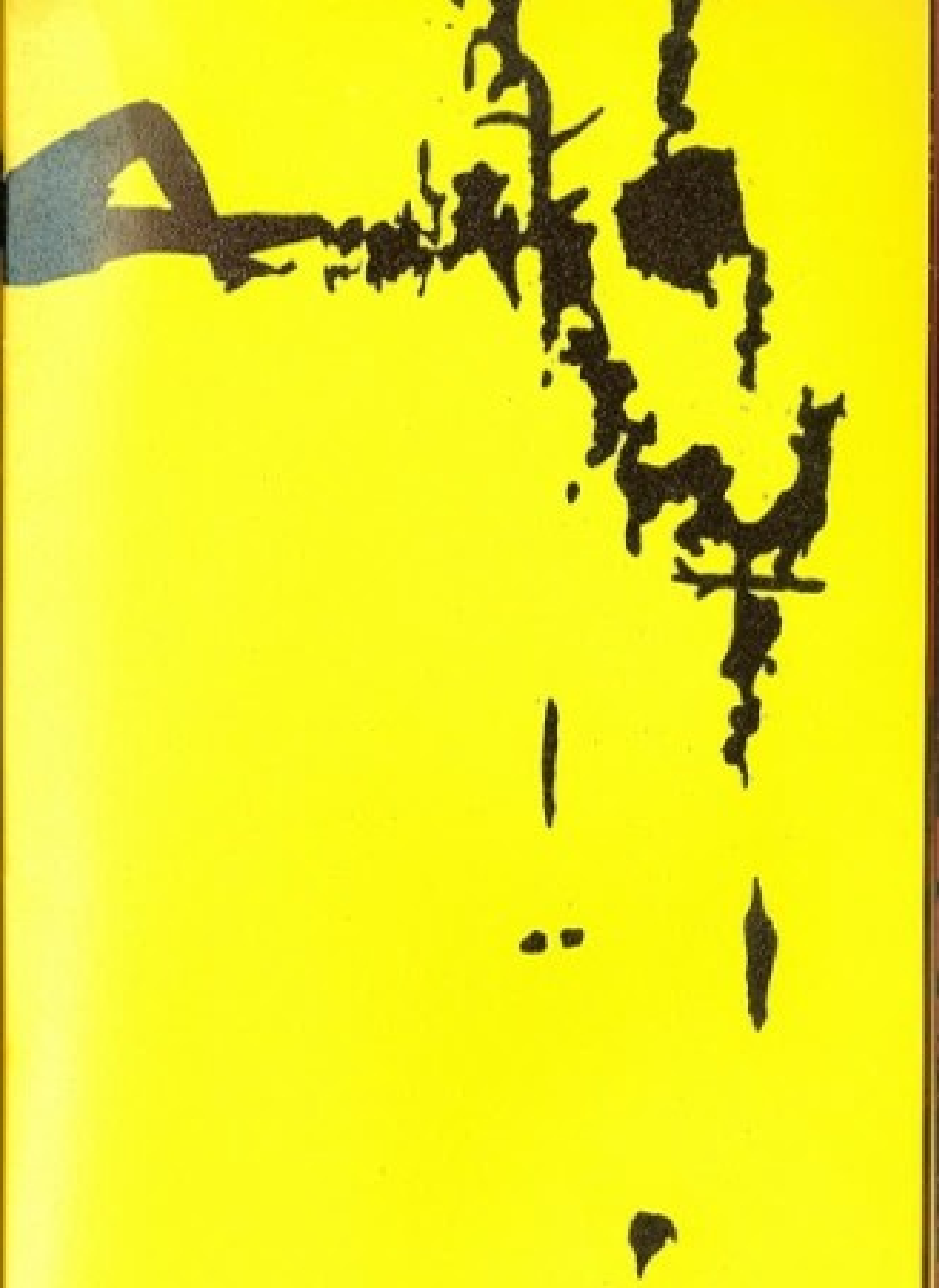
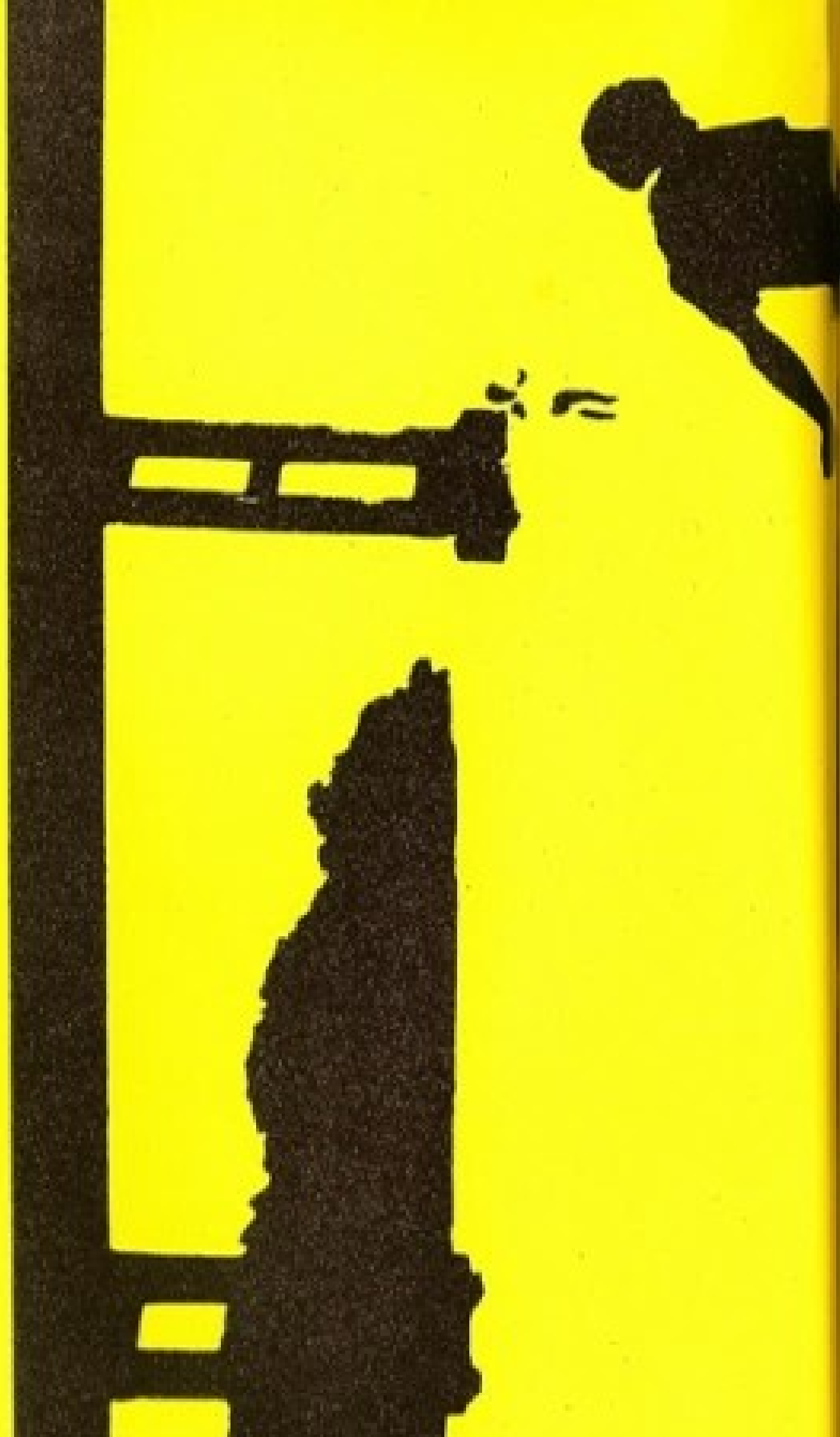
SE NOS FOSSE DADO TODO UM TEMPO,
MESMO COM AS PUPILAS CHEIAS DE POEIRA,
PELOS CAMINHOS QUE ANTES FORAM MISTÉRIOS
RECOLHERÍAMOS PARA A NOSSA SOLIDÃO,
AS ESTRELAS, OS SONHOS E AS MANHÃS
QUE AS ÁGUAS TORNAM MAIS LEVES.



V

SOTERRADOS SOMOS HOJE,
NUM TEMPO TÃO DISTANTE,
SEM AS FLORES PODADAS PELO VENTO
QUE NÃO AMAMOS TANTO
COMO OS FRUTOS, ANTES DA COLHEITA.





"COMO É TRISTE A SOLIDÃO"
JOSE LOBO

O POEMA QUE



PALAVRA
MORTO
MESA
TOALHA
ROSTO
SOLIDAO
BOCA

A MAO

A FERIDA

A CAMA

QUE O MORTO
QUE A MESA
QUE A TOALHA
QUE O ROSTO
QUE A SOLIDAO
QUE A BOCA
QUE A MORTE

QUE A NOITE

QUE

QUE O FOGO

QUE

QUE O SONO

QUE

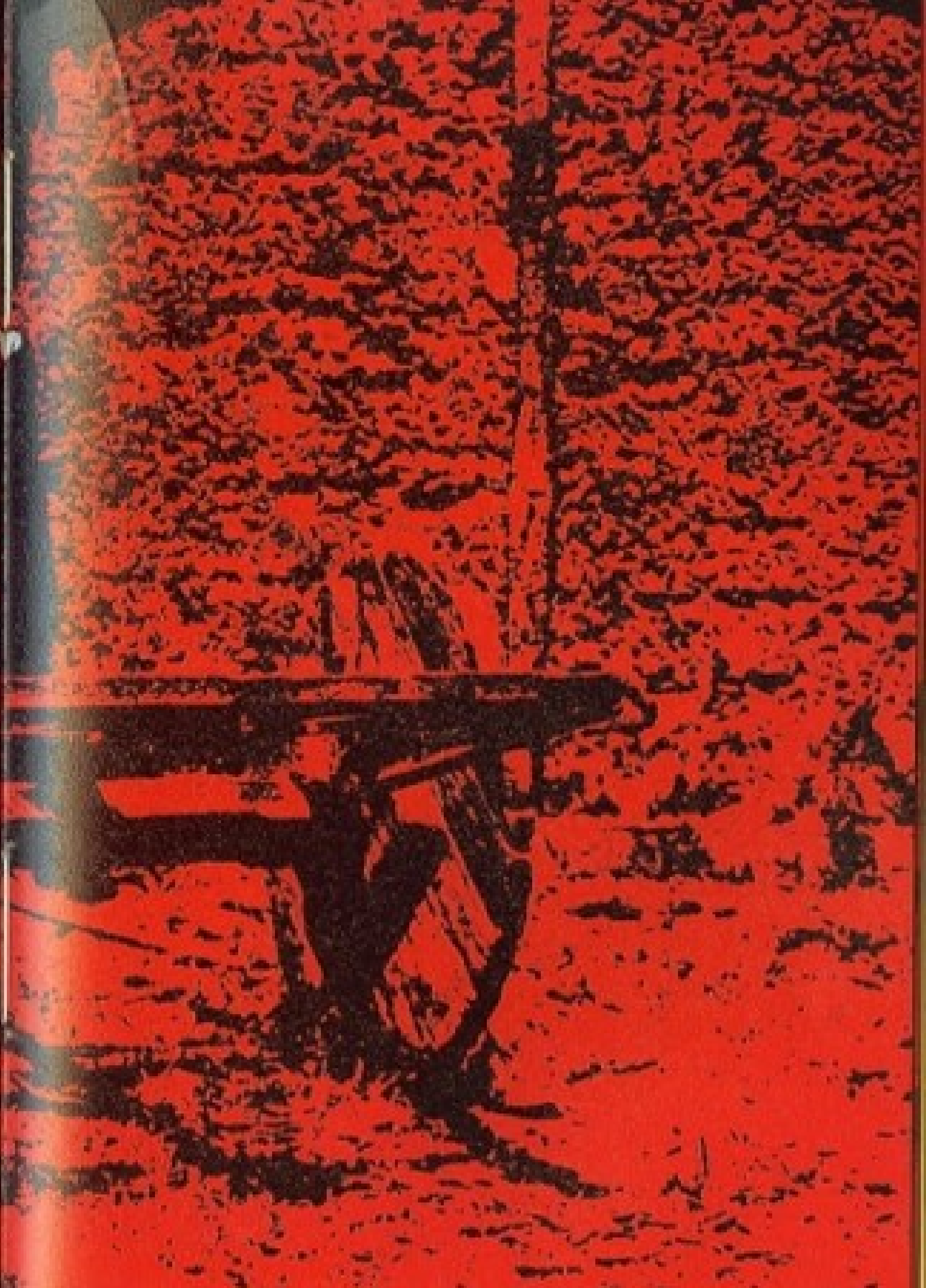
QUE O SONHO

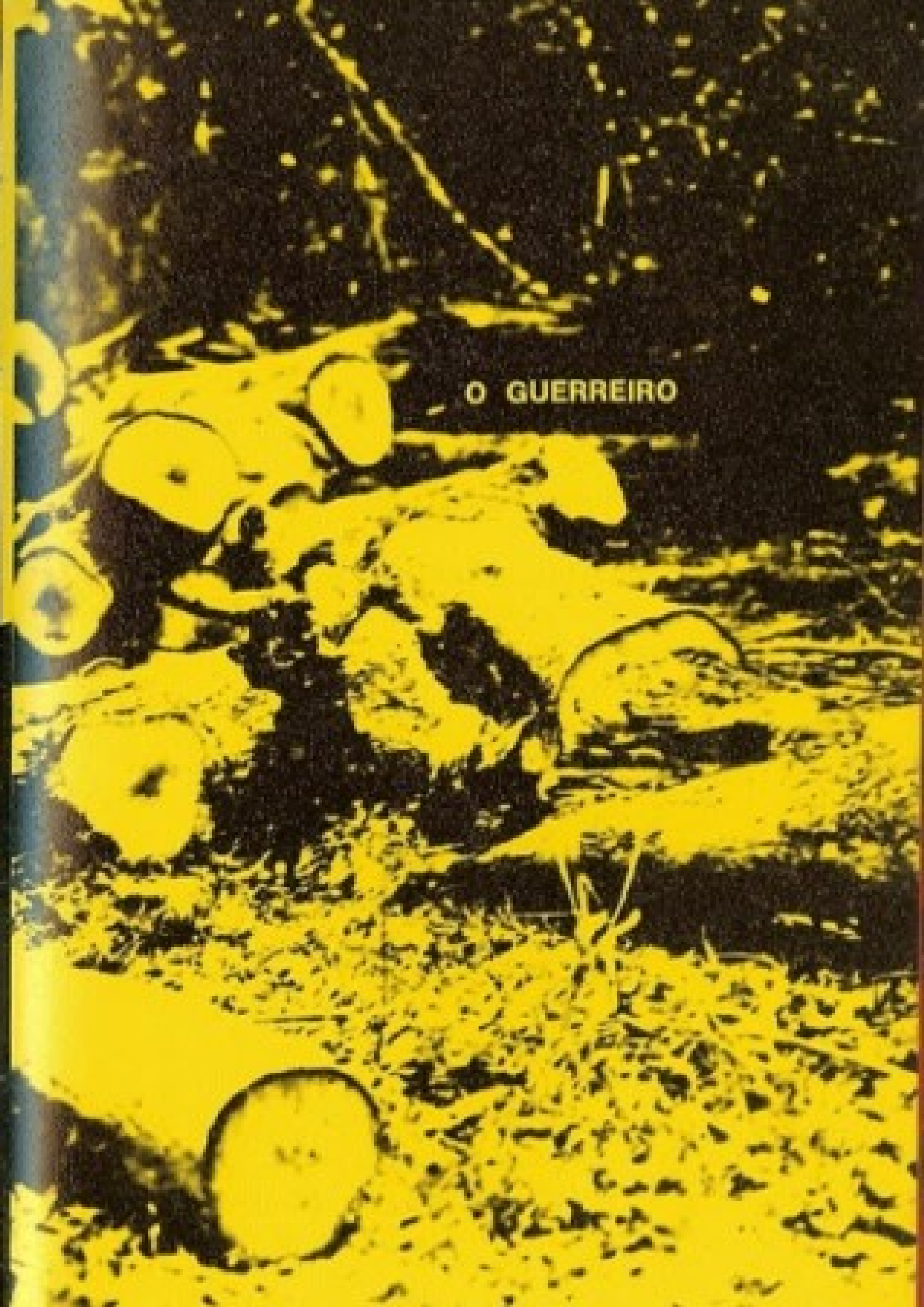
O DESEJO QUE SILENCIO
SILENCIO

O HALITO QUE DESEJO
DESEJO

O DESEJO QUE OLHAR
OLHAR

O HALITO QUE NÉVOA





O GUERREIRO

O OLHAR DO GUERREIRO,
O SEU OLHAR,
DENTRO DA MORTE,
EM MIM, COMO EM VOCE,
ESCREVE O DESESPERO.

O OLHAR DO GUERREIRO,
DO QUE ESCREVE SE ESQUECENDO,
ESQUECENDO-SE,
NO PERCORRER UMA DISTANCIA,
UM SEM FIM, A SER FERIDO MORTALMENTE,
ESSE OLHAR PRISIONEIRO:
— NOS VERÁ, FINALMENTE?
DESENFOCADOS, NOSSOS CORPOS JÁ BALOUÇAM
NA MIRA DO DESTINO QUE SE INVENTA.

SOMOS VISTOS PELO ALTO, E A DISTANCIA,
POR OLHOS DE NÃO VER, SEM OUTRAS LENTES.

PARA NÓS O GUERREIRO É, EM SEU RESUMO,
ESTE SONO DA ESPERA SEM ESPERANÇAS,
É O ABANDONO DO OLHAR QUE SE ADENTRA
E FORJA O ESPAÇO, E O FAZ DISTANCIA.

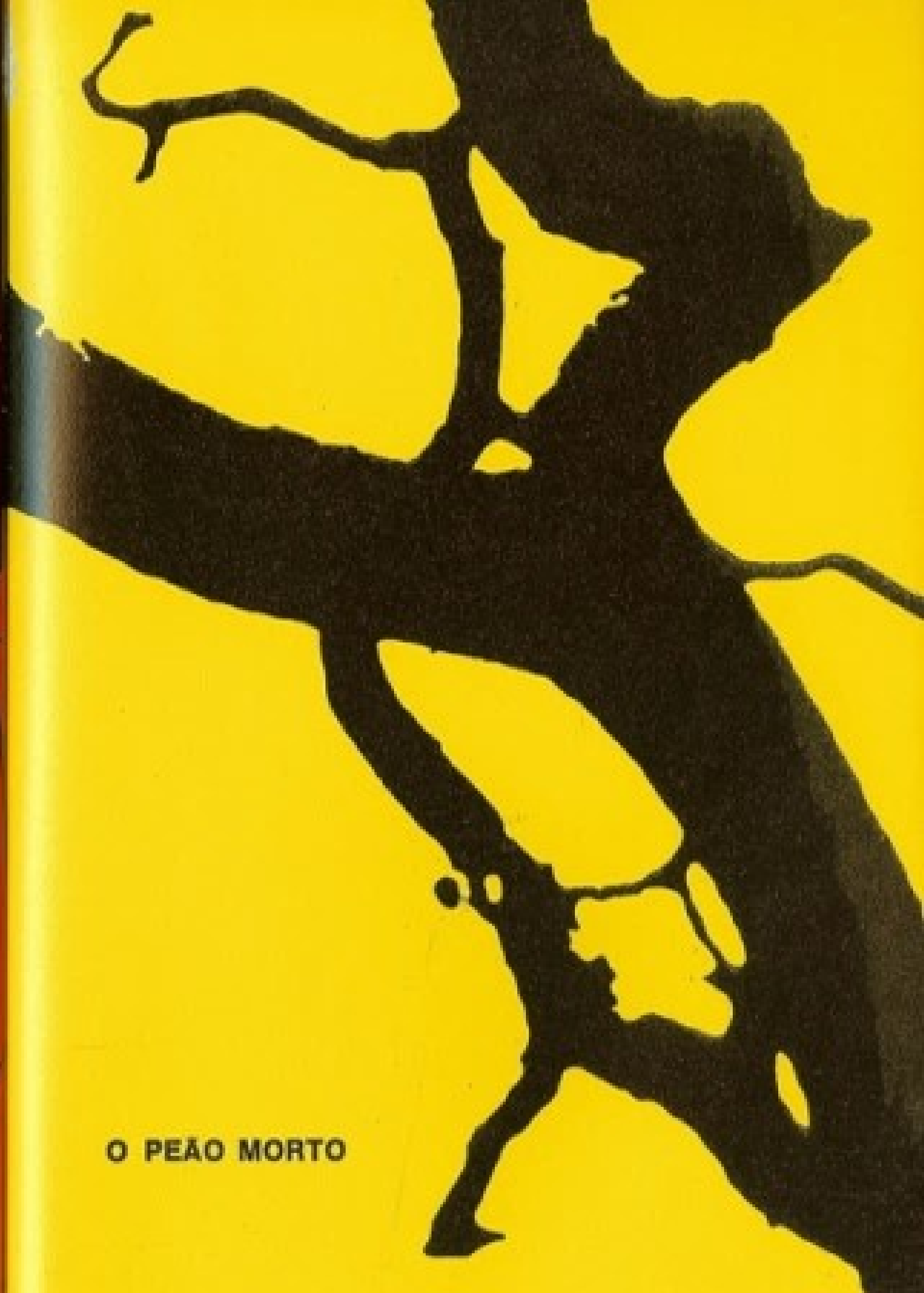
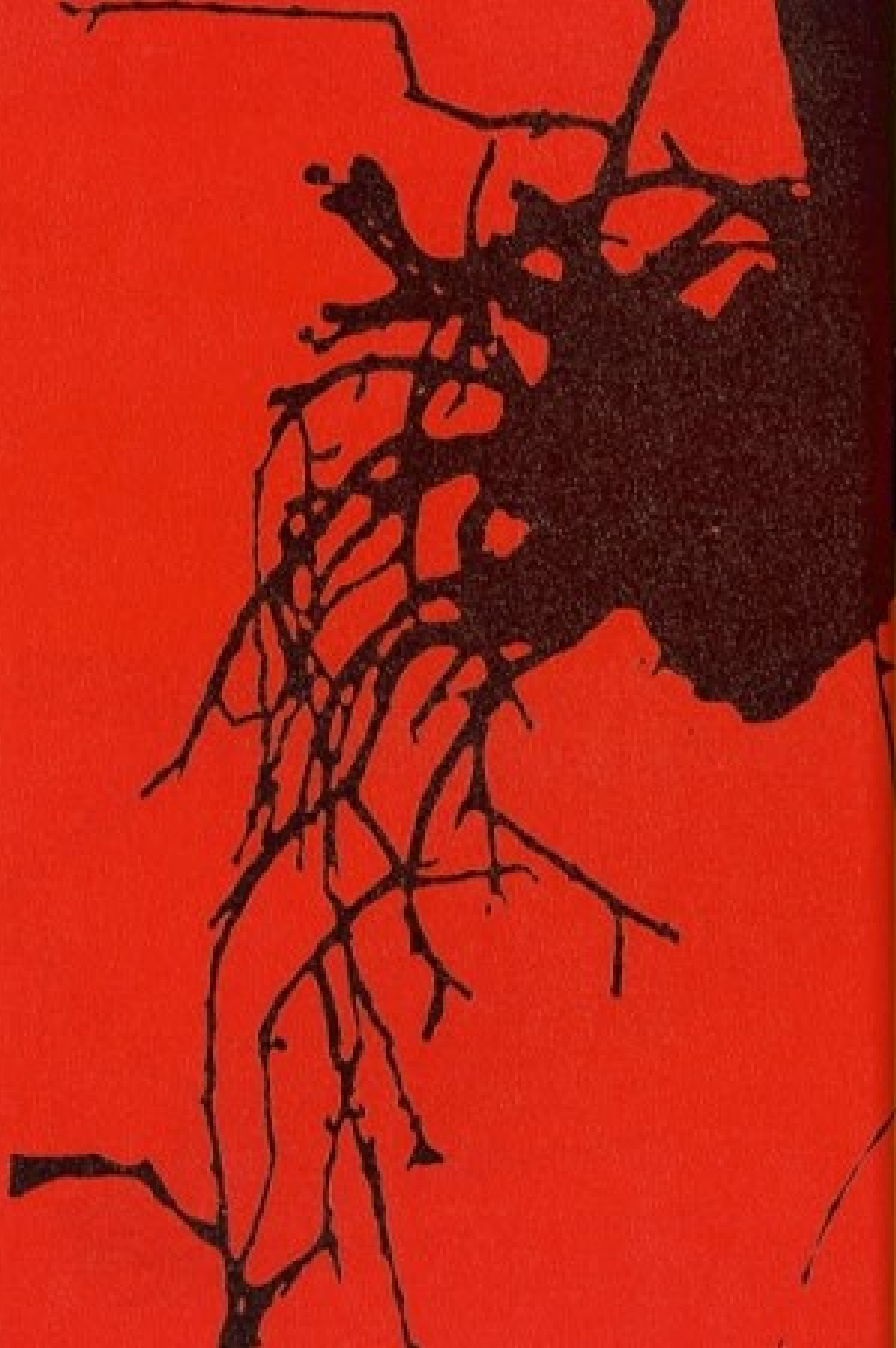
O GUERREIRO É SÓ ESTE OLHAR
QUE DAS MÃOS DO HOMEM NOS AFASTA,
E NO FRIO DA ARMA NOS ENCOSTA.

UMA AUSENCIA DE VONTADE, DURO VAZIO,
É O TÚNEL QUE A BALA EXPERIMENTA,
É A CURVA QUE O GUERREIRO MODELARA,
FALANDO EM TRAJETÓRIA DE SER BALA.

DENTRO DESTA AUSENCIA, CAVALGADO,
O GUERREIRO MORDE O FREIO QUE O SUSTENTA,
E FIXA NA MORTE O OPACO OLHAR DISTANTE,
E CRAVA NA SOLIDÃO O SEU GALOPE.

PERCORRE-SE O TÚNEL SEM PAISAGENS,
— GUERREIRO-BALAI — CONTRA NÓS É ATIRADO,
FERINDO, ALÉM DO TEMPO, OUTRAS VIAGENS,
O FUTURO ENFIM, ENTREGUE À METRALHA,
O EU E O VOCE QUE JÁ MORREMOS
NESTE BAILE DE SOMBRAS QUE ELE INVENTA
NESTA LUTA COM QUE BRINCA SEM VONTADE,
NO FIM DESTA MUNDIA QUE SE ACABA.





O PEÃO MORTO

NO PEÃO MORTO
AOS OLHOS DO ALTO
O PEÃO SE REVELA:
UM RETRATO SECO,
NO RISO EXPOSTO,
UM GRITO CAMUFLADO,
NO SILÊNCIO CONSUMIDO.
UM TEMPO PERDIDO,
EM CIMA DA TERRA.
UM GALOPE APAGADO,
NO JUGO DA RELVA.
UM OLHAR ELOQUENTE,
NA ÚLTIMA VIAGEM.

NO PEÃO MORTO
NO TEMPO PARADO
O PEÃO REVELA:
COMO UM FRUTO COLHIDO
DO LOMBO DA SELA,
COM QUATRO PATAS CONTIDAS
NO ELEMENTO VERDE.
COMO UM FETO ENCOLHIDO
NO ÚTERO CALADO.



NO PEÃO MORTO
BEM NO ALTO, EM VÔO,
EM QUE O VE VENCIDO:
— O PEÃO MORTO: —
DA SELA COLHIDO.


O PEÃO
É CAPAZ DE REVELAR-
SE MORTO
NA GEOGRAFIA DOS CHIFRES
A SUA MORTE DIFÍCIL
DECIFRA A PAISAGEM
ONDE O CORPO SE ENCONTRA
COM SUA FOME EXTINTA.



O PEÃO MORTO
NA COR IMENSA DESTE CAMPO
NAS CIFRAS DA CARNE
NA DOR DE SEU CANTO
E O OLOR DE SEU CORPO
ACIMA DO DONO
O PEÃO MORTO
SE FAZ ALIMENTO.

O PEÃO MORTO
CARREGA OUTRO PESO
NÃO DO PÁSSARO BOI
ONDE PELO DE VENTO.

O SILÊNCIO DOS CURRAIS
COLOU EM SEUS DENTES
COMO ESTERCO OUTONAL.



O PEAO MORTO SE ERGUEU
E COM ELE OS OSSOS
E O HUMOR DA MORTE
E A RAJADA DAS ARMAS
E O LUZIR DOS GALOPES
E O FLUIR DAS AURORAS.

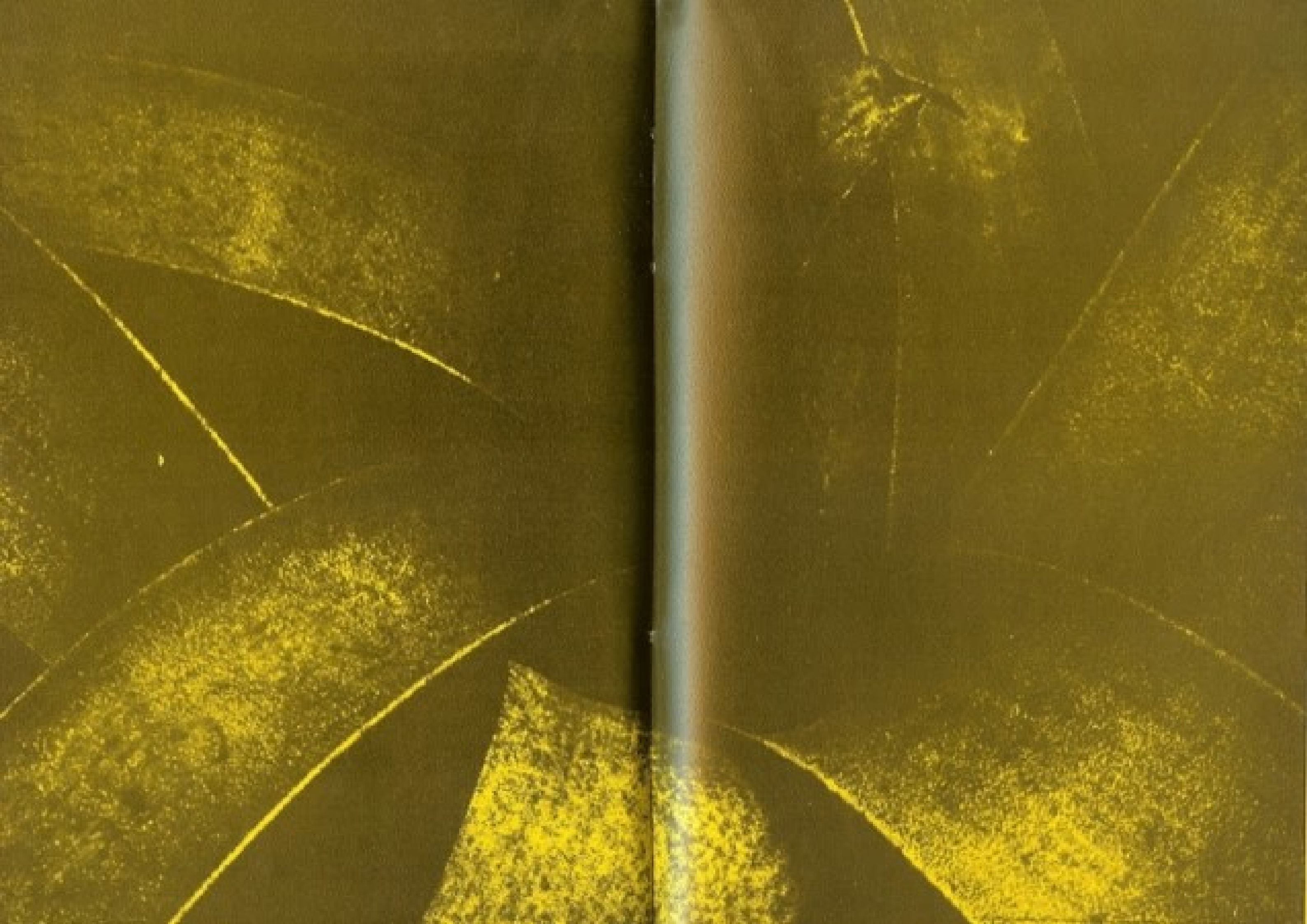
O PEAO MORTO
LEVADO DO TOMBO
E SÓ NA REDE
ONDE O DEITARAM
LAVADO DE NOVO
NA ESPERA DO SONO
ONDE CADA UM
BUSCANDO POUSO
SE PÔE NO TEMPO
NO RASTO JÁ IDO
O GOSTO DA CARNE
QUE PEAO AMAVA.



O PEÃO MORTO
É O AMOR DE VOLTA
A ESGOTAR-SE NA PROCURA
NO FUNDO DO SEU CORPO
DO VENTO E DA BRISA
DA LUA E VIOLA
DO QUE VIU E VÊ-LA
NO ARREIO E NA SELA
COMO A VELA QUEIMANDO
UM CANTO DE PASSARO
SÃO AS TERRAS E OS HORIZONTES
QUE LOGO SE ACABAM
E SE FECHAM SOBRE O MORTO
SÃO OS CÃES E OS RIOS
QUE SOBRE ELE PASSAM
EM MEMÓRIA.



O PEÃO MORTO
É UM FRUTO
DA GLEBA
QUE O SOL CONHECE O SABOR
DA GEMA AO SAL NA FLOR DA PELE
ENQUANTO FLOR O QUE SE FRUTIFICA
SOB SETE PALMOS
UM PE DE PEAO
NO MEIO DO MUNDO.

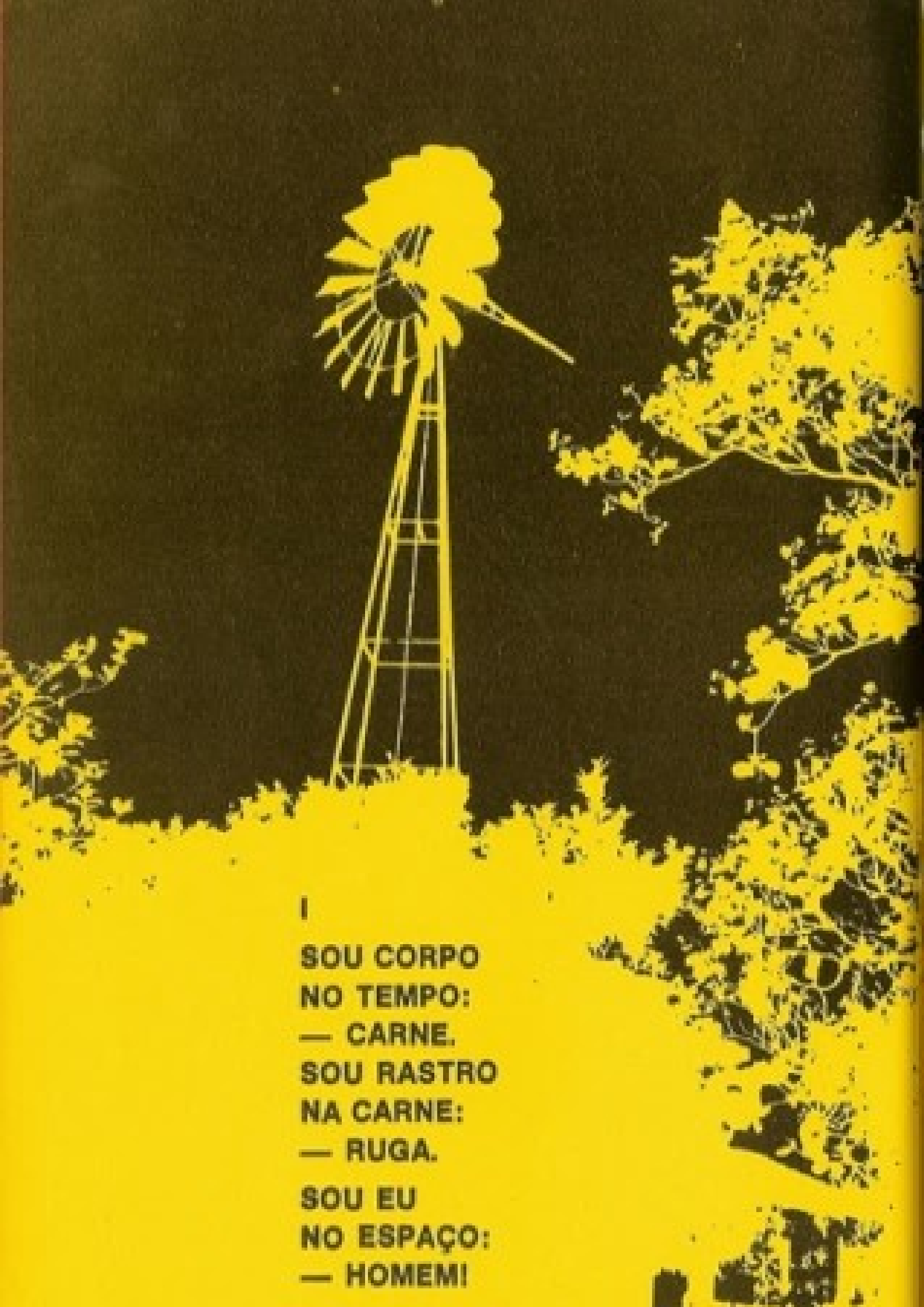




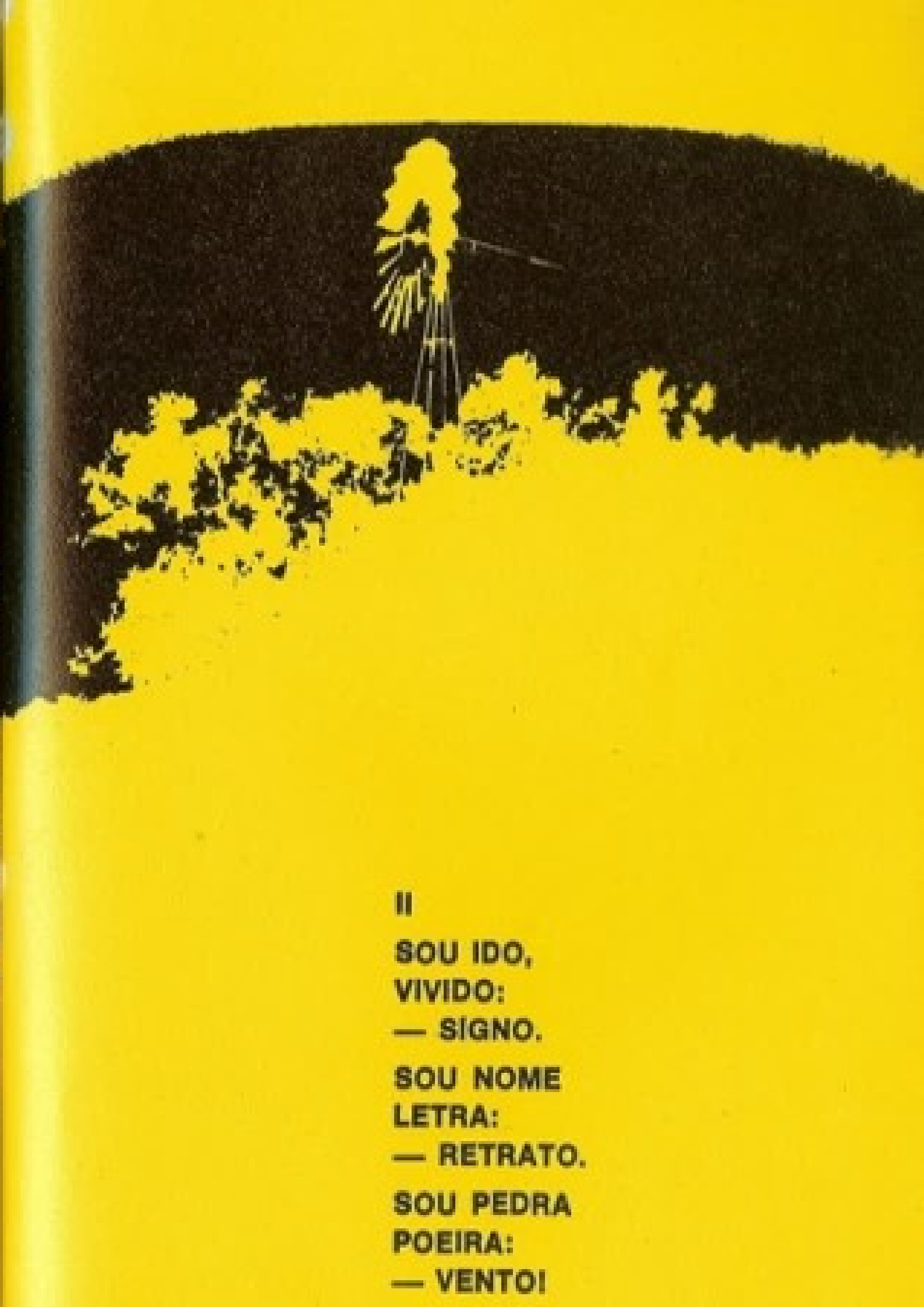
O CORPO



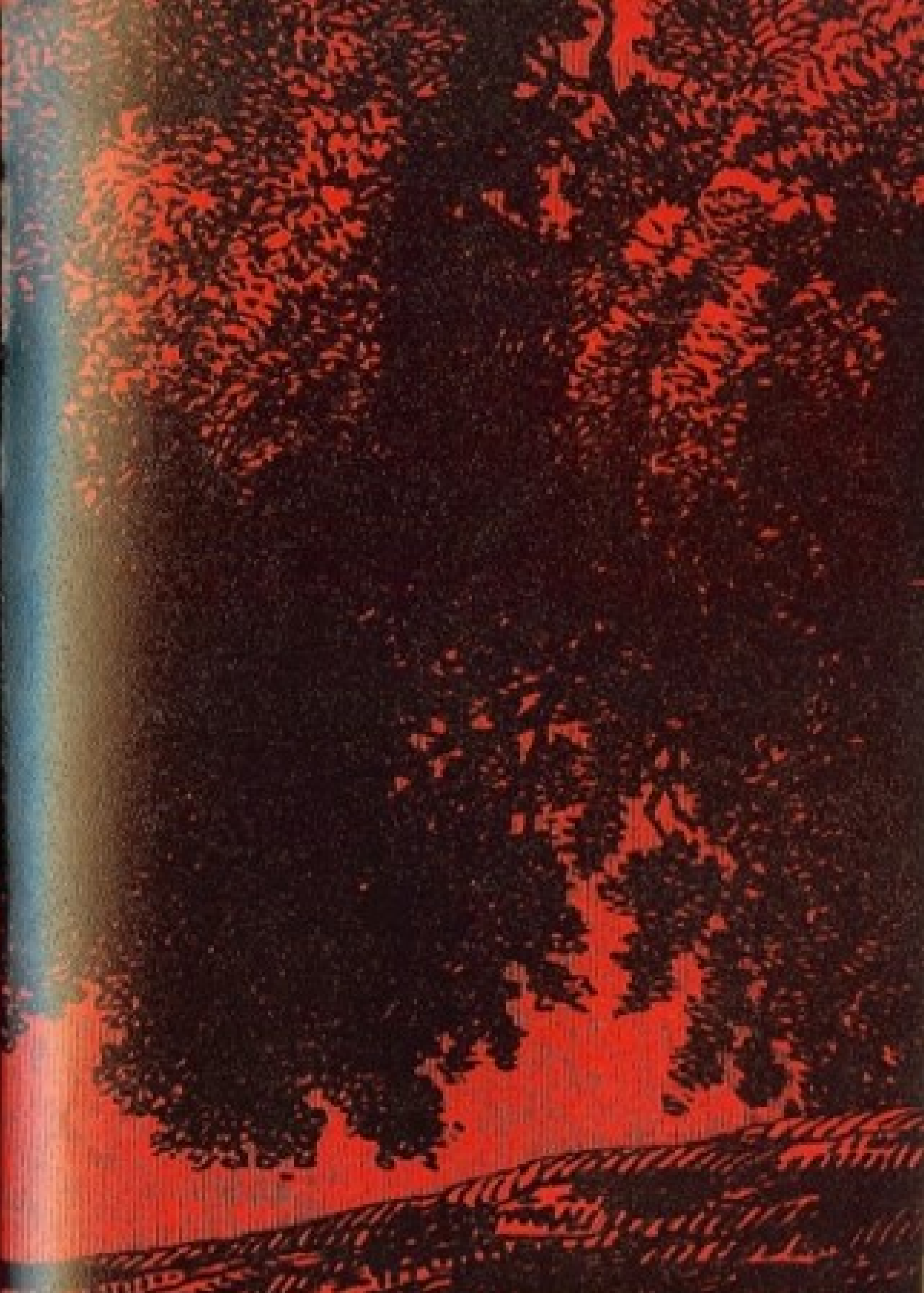
11



I
SOU CORPO
NO TEMPO:
— CARNE.
SOU RASTRO
NA CARNE:
— RUGA.
SOU EU
NO ESPAÇO:
— HOMEMI



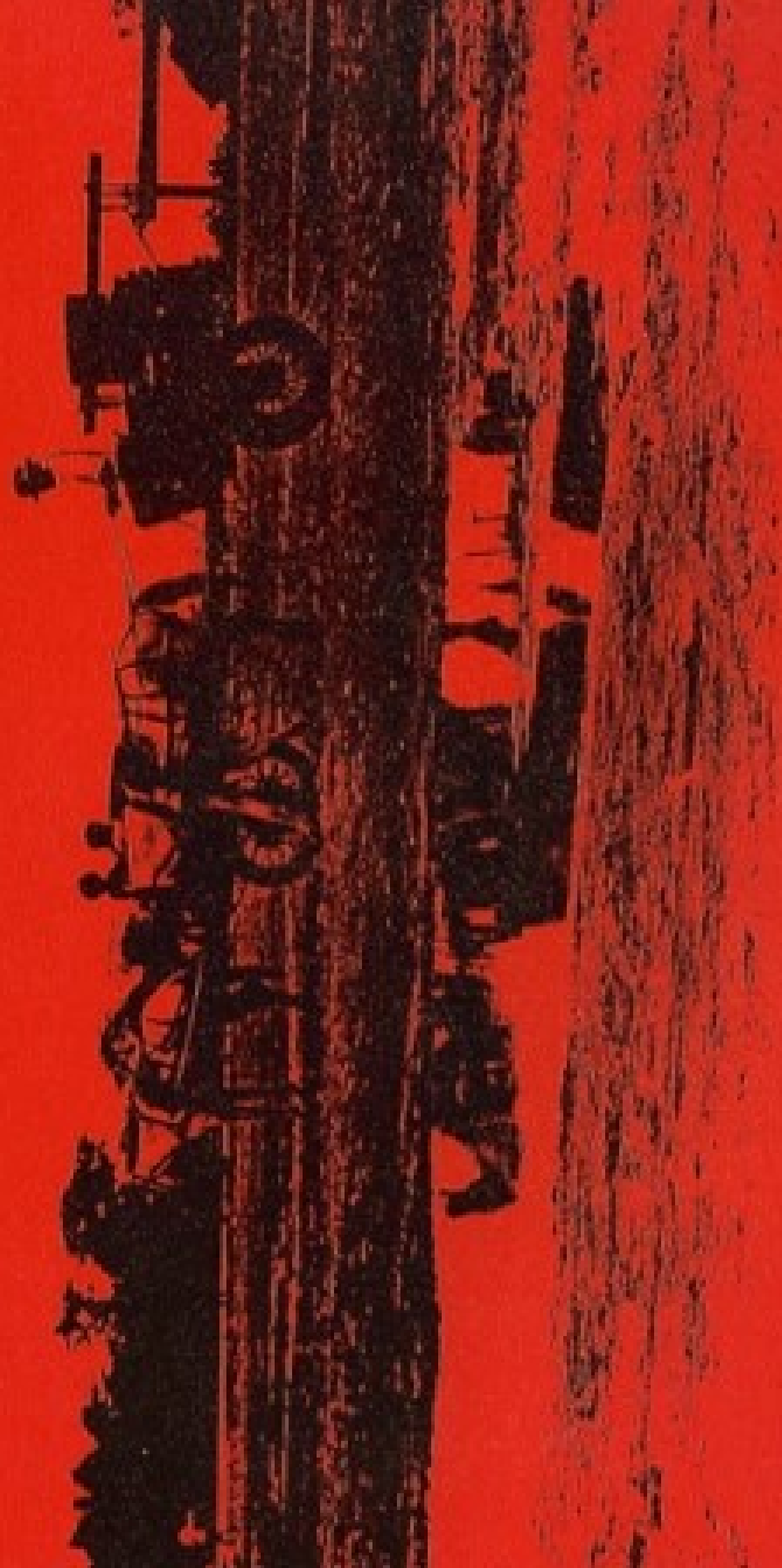
II
SOU IDO,
VIVIDO:
— SIGNO.
SOU NOME
LETRA:
— RETRATO.
SOU PEDRA
POEIRA:
— VENTO!





POEMA

SEUS DEDOS E BRAÇOS
NUTREM-SE TAO SÓ
COM O AZUL QUE SACIA.
SEU CORPO BALANÇA
NOS ASPEROS VENTOS
E A ARIDEZ DAS RAIZES
FUNDEM-SE COM O FOGO,
COM A RAIVA QUE SE ESCAPA
NUM CHARCO DE SOL ENCARCERADO.







ATO E DESATO
TODO O PERFIL,
SOLTO NO TEMPO,
— COMO ME PENSO!
SABER-ME AVESSO
(EM LIBERDADE)
POR MORTE MÁGICA
QUE ME DESARMA.
SABER-ME JUSTO
FEITO A ESPADA
QUE ME INCLUI
PELA BAINHA.
SABER-ME FORÇA,
ARMA DE AJUSTE
FEITO UM FERRO
DENTRO DE MIM.
ESTAR-ME ISENTO,
VELANDO AS ARMAS.
PERFIL DO ALTAR,
SOU! ARMADURA.

II



JOGO-ME CONTRA
O QUE OPRIME
HOMEM-BRANCURA
ARMA SEM LUME.
ARMA SEM COR
HOMEM SEM CARNE
MOILA E MOTOR
ARMO, DESARMO.

NAO SÓ ME INCITO
NO SEU CONVÍVIO:
VIVO, DESVIVO
ARMO-ME NELA.
VIDA, DEZ VIDAS
DESVIOS D'ÁGUA
LEITOS E CORRENTES
ACORRENTADOS.

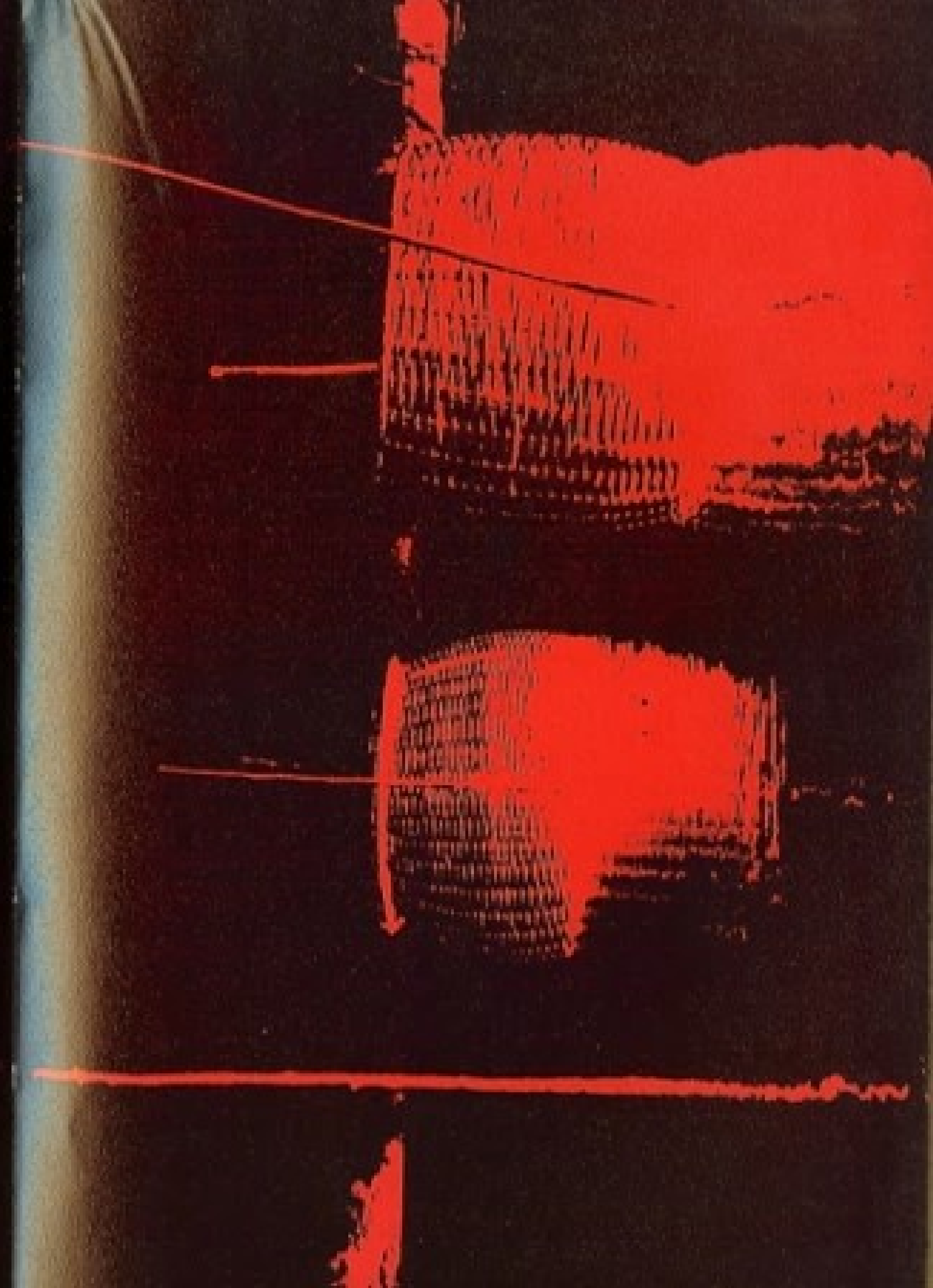
III

FLEXA, DARDO
ESPADA, PUNHAL
PISTOLA, LANÇA
BRAÇO A BRAÇO

CORPO E ARMA
FINALIDADE,

INTIMO EXÍLIO:
ARMARIOI

ESQUEÇO-ME:
MEMÓRIA APAGADA
ARMA LAVADA
TERRA A TERRA.







TEMPO!

**— REDONDO COMO O INFINITO,
ENGOLINDO-SE A CADA DIA;
BEM LONGE BUSCO O SENTIDO
PARA O SEU CANTO PRESENTE**



TEMPO!

**— PALAVRA COM QUE SE ENCOBRE,
PASSANDO DE LETRA EM LETRA,
A AUSÊNCIA DO QUE SEJA
A DESCARNADA PRESENÇA.**





TEMPO!

— NO SEU JEITO DE PUNHAL,
ATRAVESSANDO A EXISTÊNCIA,
NO ESPAÇO FERRE O VAZIO,
NA COVA DESAPARECE.

TEMPO!

— COLADO NA FACE É PELE,
NO CHÃO JÁ VIRA DISTÂNCIA,
É A LUZ, É O AGORA,
A PRESENÇA DO SER AUSENTE.







